



FACULDADE DE DESPORTO
UNIVERSIDADE DO PORTO

Estágio Profissional: Um lugar de aprendizagens e evolução

Relatório de Estágio Profissional

Relatório de Estágio apresentado com vista à obtenção do 2.º Ciclo de Estudos conducente ao Grau de Mestre em ensino de Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário (Decreto-lei nº 74/2006 de 24 de março e o Decreto-lei nº 43/2007 de 22 de fevereiro).

Orientadora: Professora Patrícia Gomes

Miguel Ângelo Vieira Barbosa

Porto, Setembro de 2017

Ficha de Catalogação:

Barbosa, M. Â. V. (2017) Estágio Profissional: Um lugar de aprendizagens e evolução. Relatório de Estágio Profissional. Porto: M. Barbosa. Relatório de Estágio Profissional para a obtenção do grau de Mestre em Ensino de Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário, apresentado à Faculdade de Desporto da Universidade do Porto

PALAVRAS-CHAVES: Estágio Profissional, Educação Física, Relação Parental, Rendimento Escolar

Agradecimentos

Queria agradecer a todas pessoas que tiveram influência ao longo a minha formação, principalmente ao longo do mestrado, que fizeram com que a realização do Estágio Profissional fosse possível. Em particular:

Aos alunos, que me proporcionaram sentimentos inesquecíveis, durante este ano de muito trabalho e muito esforço, seja nas aulas, ou em outras atividades ligadas ao Estágio Profissional e que me fizeram crescer enquanto professor;

Ao Núcleo de Estágio, que foram pilares durante o Estágio Profissional. Nunca mais vou esquecer as nossas brincadeiras, o nosso trabalho de equipa, a nossa união e amizade que foram a chave para o nosso sucesso;

À Professora Cooperante, que sempre me ajudou nas minhas dificuldades e que me fez evoluir enquanto professor, a todos os níveis. Hoje relembro todos os momentos bons e menos bons que passamos e vejo que ambos só serviram para a minha evolução e melhoria das minhas capacidades. Foi uma ajuda extremamente preciosa, não só relativamente ao Estágio Profissional, mas também na minha vida pessoal e profissional;

À Professora Orientadora, que me foi guiando ao longo do Estágio Profissional, através das correções dos documentos relativos ao Estágio Profissional, à sugestão de formas para melhorar o nosso desempenho, à ajuda na realização do Relatório de Estágio;

À Coordenadora de Departamento, que nos ajudou em tudo que precisamos durante este ano, seja material, planeamento de atividades para a escola e esteve sempre pronta a ajudar em todas as nossas dificuldades;

Aos Professores da Escola, que nos receberam de braços abertos, que fizeram com que integrássemos mais facilmente a escola e nos transmitiram ensinamentos importantes para a nossa vida profissional e para o nosso futuro como docentes;

À Comunidade Escolar, funcionários, psicólogas, associação de estudantes que fizeram parte do nosso percurso e sempre nos ajudaram enquanto precisamos;

À minha família e amigos, porque tudo o que sou hoje devo a eles e pela força que me transmitiram ao longo da minha vida para que conseguisse chegar a este momento;

À minha namorada, pela paciência que teve neste ano, porque nem sempre lhe consegui transmitir a atenção que pretendia devido à quantidade de tarefas a realizar e me deu força nos momentos em que precisei;

E todos os outros, que diretamente ou indiretamente estiveram presentes no meu percurso e, de certa forma, contribuíram para que este momento chegasse.

Muito Obrigado!

Índice

Índice de Figuras.....	IX
Índice de Tabelas	XI
Índice de Quadros	XIII
Abstract	XIX
Lista Abreviaturas.....	XXI
1. Introdução.....	1
2. Dimensão Pessoal	7
2.1. Identificação do “Eu”	9
2.2. Expetativas iniciais em relação ao Estágio Profissional	13
3.1. Enquadramento Legal e Institucional	19
3.2. Enquadramento Funcional	21
3.2.1. A Escola Cooperante.....	21
3.2.2. O Grupo de Educação Física.....	22
3.2.3. O Núcleo de Estágio	23
3.2.4. Pessoal não docente	23
3.2.5. Turma residente.....	24
3.2.6. Turma partilhada	25
4. Área 1- Organização e Gestão do Processo de Ensino e da Aprendizagem.....	29
4.1. Conceção	31
4.2. Planeamento.....	33
4.2.1. Planeamento Anual.....	33
4.2.2. Planeamento da Unidade Didática	35
4.2.3. Plano de Aula	36
4.3. Realização.....	37
4.3.1. Primeiro Contacto com a turma.....	38
4.3.2. Controlo dos alunos	39
4.3.3. Clima de aula	40

4.3.4.	Instrução e Feedback pedagógico.....	40
4.3.5.	Rentabilização do Tempo e do Espaço	41
4.3.6.	Tempo de Empenhamento Motor	42
4.4.	Avaliação.....	43
5.	Área 2 – Participação na Escola e relações com a Comunidade.....	49
5.1.	Reuniões	51
5.2.	Desporto Escolar	53
5.3.	Função do Diretor de Turma	54
5.4.	Corta-Mato	55
5.5.	Dia D.....	56
5.6.	“Orientação Matemática”	57
5.7.	Jogos Tradicionais	60
6.	Área 3 – Desenvolvimento Profissional.....	63
6.1.	Estudo de investigação - O efeito da relação parental no rendimento escolar de alunos do 3º ciclo	66
6.1.1.	Introdução	66
6.1.2.	Metodologia	69
6.1.2.1.	Metodologia de recolha	69
6.1.2.2.	Participantes	70
6.1.2.3.	Instrumento	70
6.1.2.4.	Metodologia de Análise	71
6.1.3.	Resultados	72
6.1.4.	Discussão dos Resultados	77
6.1.5.	Conclusão	78
7.	Conclusão e Perspetivas de Futuro	81
9.	Anexos	XXIII

Índice de Figuras

Figura 1 O sucesso escolar como um fenómeno multidimensional.....	68
--	-----------

Índice de Tabelas

Tabela 1 - Resultados do <i>PBI</i> na relação com a Mãe	73
Tabela 2 - Resultados do <i>PBI</i> na relação com o Pai	73
Tabela 3 - Resultados do <i>PBI</i> conforme a classificação das médias.....	75
Tabela 4 - Comparação da Distribuição do <i>PBI da Mãe e do Pai</i>	76
Tabela 5 - Quadrante dos pais das 3 melhores classificações e das 3 piores classificações	77

Índice de Quadros

Quadro 1 – “ <i>Parental Bonding Quadrants</i> ”	72
--	----

Índice de Anexos

Anexo 1 - Questionário “<i>Parental Bonding Instrument</i>”	XXV
--	------------

Resumo

O Relatório de Estágio é um produto final que retrata a prática pedagógica que decorre ao longo de um ano letivo. Este documento encerra tudo aquilo que foi viver e sentir o Estágio Profissional. A elaboração deste relatório teve como objetivo relatar, de forma organizada e categorizada todo o meu percurso como professor estagiário, em que reflito sobre as dificuldades e problemas encontrados, os acontecimentos mais marcantes, as funções desempenhadas, as atividades desenvolvidas, as estratégias adotadas e as metas alcançadas referentes ao longo do ano letivo 2016/2017. O presente documento está dividido em cinco grandes capítulos, a Dimensão Pessoal, em que me identifico e relato as minhas expectativas para o Estágio Profissional; o Enquadramento da Prática Profissional, em que relato o meio em que o professor estagiário irá desenvolver a sua prática profissional; o terceiro capítulo, a Organização e Gestão do Processo de Ensino e da Aprendizagem mostra como prática pedagógica se desenvolve, a conceção, o planeamento, a realização e a avaliação ao longo do Estágio Profissional; o quarto capítulo, a Participação na Escola e com a Comunidade retrata toda a minha atividade na Escola e as relações com a comunidade escolar, todas as atividades desenvolvidas e todo auxílio prestado à Escola e à comunidade; o quinto capítulo diz respeito ao Desenvolvimento Profissional, em que relato o impacto do Estágio Profissional na minha vida, o melhoramento de competências e capacidades, a formação vs. Prática e o projeto de investigação “O efeito da relação parental no rendimento escolar de alunos do 3º ciclo” desenvolvido ao longo do ano letivo.

PALAVRAS-CHAVES: Estágio Profissional, Educação Física, Relação Parental, Rendimento Escolar

Abstract

This Report is an end product that portrays the pedagogical practice that takes place over a school year. This document encloses all that was to live and feel the Professional Internship. The purpose of this is report, in an organized and categorized way, my whole career as a trainee teacher, in which I reflect on the difficulties and problems encountered, the most important events, the functions performed, the activities developed, the strategies adopted and the goals achieved during the 2016/2017 school year. This document is divided into five chapters, the Personal Dimension, in which I identify myself and report my expectations for the Professional Internship; the Framework of Professional Practice, in which he reports on the environment in which the trainee teacher will develop his professional practice; the third chapter, Organization and Management of the Teaching and Learning Process shows how pedagogical practice is developed, conception, planning, realization and evaluation throughout the Professional Internship; the fourth chapter, Participation in School and with the Community portrays all my activity in the School and the relations with the school community, all the activities developed and all aid provided to the School and the community; the fifth chapter concerns Professional Development, in which I report the impact of Professional Internship in my life, the improvement of skills and capacities, Practice and the research project "The effect of the parental relationship in the school performance of students in the third cycle" developed during the school year.

KEYWORDS: Professional Internship, Physical Education, Parental Relationship, School Performance.

Lista Abreviaturas

AEC	Atividades de Enriquecimento Curricular
CPCJ	Comissão de Proteção de Crianças e Jovens
DE	Desporto Escolar
DT	Diretor de Turma
PE	Professor Estagiário
EF	Educação Física
EP	Estágio Profissional
FADEUP	Faculdade de Desporto da Universidade do Porto
MEC	Modelo de Estrutura do Conhecimento
NEE	Necessidades Educativas Especiais
PBI	<i>Parental Bonding Instrument</i>
PC	Professora Cooperante
PES	Prática de Ensino Supervisionada
PO	Professora Orientadora
RE	Relatório de Estágio
UD	Unidade Didática

1.Introdução

1. Introdução

O Relatório de Estágio **“Estágio Profissional: Um lugar de aprendizagens e evolução”** tem como objetivo relatar toda a minha prática de ensino supervisionada ao longo do ano letivo 2016/2017. A conclusão desta Prática de Ensino Supervisionada (PES) e da Unidade Curricular de Estágio Profissional (EP) irá marcar a minha vida, trazendo a mudança entre a formação académica e a profissão docente.

Segundo Queirós (2014, p. 78) “ se a entrada na profissão docente é uma fase muito importante do desenvolvimento do conhecimento e identidade dos professores, o estágio profissional pode ser claramente entendido como o terreno de construção da profissão”. Portanto, nada melhor que o EP para me preparar para a profissão docente. Pois, segundo Queirós (2014, p. 78) “é neste contacto com o espaço real de ensino que o estudante estagiário conhece os contornos da profissão, tornando-se, pouco a pouco, um membro dessa comunidade”. Deste modo, é extremamente importante aproveitar este ano de aprendizagens e evolução para me preparar para o futuro enquanto professor de Educação Física

Este documento está organizado em 5 capítulos: a Dimensão Pessoal, em que me identifico e relato as minhas expectativas para o Estágio Profissional. O Enquadramento da Prática Profissional, em que identifico o meio em que irei desenvolver a minha prática profissional. De seguida, a Organização e Gestão do Processo de Ensino e da Aprendizagem, em que demonstro como a prática pedagógica se desenvolve, a conceção, o planeamento, a realização e a avaliação ao longo do Estágio Profissional. Posteriormente, relatarei a minha Participação na Escola e com a Comunidade, em que retrato toda a minha atividade na Escola e as relações com a comunidade escolar, todas as atividades desenvolvidas e todo auxílio prestado à Escola e à comunidade e, por fim, o último capítulo diz respeito ao Desenvolvimento Profissional, em que relato o impacto do Estágio Profissional na minha vida, o melhoramento de competências e capacidades, a formação vs. prática e o projeto de investigação

efetuado ao longo ano letivo em que procurei observar “O efeito da relação parental no rendimento escolar de alunos do 3º ciclo”.

2.Dimensão Pessoal

2. Dimensão Pessoal

2.1. Identificação do “Eu”

Reconhecendo-me como um amante de Desporto, sou licenciado em Educação Física e Desporto pelo Instituto Universitário da Maia (ISMAI), tendo, anteriormente, realizado o curso de Animação e Gestão Desportiva no Colégio de Gaia. Paralelamente a este percurso, estudei na Fundação Conservatório Regional de Gaia, obtendo o Curso Complementar de Tuba que me dá habilitações para o Ensino da Música nas Atividades de Enriquecimento Curricular (AEC's). Esta atividade profissional atual condicionou o meu Estágio Profissional (EP) devido à sobreposição de tarefas e carga de trabalho, o que fez com que necessitasse de organizar muito bem o meu tempo, assumindo uma boa gestão do meu horário para os diferentes compromissos (aulas, concertos, testes, exames, etc.). Apesar da minha forma de trabalhar não ser, muitas vezes, a mais adequada em termos de gestão de tempo, por não realizar um trabalho contínuo, sei que nas datas estipuladas conseguia ter o trabalho pronto.

Relativamente ao estudo da Música, sempre foi uma área apaixonante, na qual dediquei e dedico uma grande parte do meu tempo, seja como músico executante, professor ou dirigente, porque é uma área que me completa. Iniciei a minha carreira na música através de um sonho do meu avô, que desejava ter um filho ou um neto na banda da terra, sendo com este incentivo que fiquei até aos dias de hoje associado à instituição Sociedade Filarmónica de Crestuma. Por esta razão, atualmente, ainda me perguntam porque não sigo a área musical, ao que respondo sempre que nunca me imaginei como músico profissional, a fazer disso “vida”. Apesar de ter muitos amigos nessa situação e ex-colegas do conservatório, eu apenas gosto do convívio e do espírito das bandas filarmónicas e gosto do espetáculo e da música. Para além disso, esta foi a forma que encontrei de ter um emprego que sustentasse as minhas despesas e do EP, assim como, de ter uma porta de entrada no mundo do trabalho de Educação Física, já que os dias de trabalho efetuados nas AEC's do Ensino da Música são contabilizados para a Educação Física. Deste modo,

mantendo contacto com ambas as áreas, tenho procurado estar presente em *workshops*, voluntariado e formações relacionados, tanto com a área do Desporto e do Ensino, como com a área da Música. Os conhecimentos da área da música ajudaram-me na Unidade Didática de Dança, onde a música e o tempo são fatores importantes, para o ensino e aprendizagem desta modalidade,

No EP, sou ainda árbitro de Futebol na Associação de Futebol do Porto, sendo este papel extremamente importante no Desporto, já que o árbitro funciona como um promotor da ética no Desporto. Entrei nesta “família” um pouco por curiosidade e pela minha vontade de dar um bocado de mim ao Desporto. Esta foi uma boa escolha, já que desde o início tenho tido sucesso, tendo já obtido um prémio (2º lugar na categoria C4) e esperança de um futuro promissor. Hoje considero esta opção um plano B, porque embora lecionar aulas de Educação Física seja sempre o meu primeiro objetivo, com a dificuldade que existe em entrar no mercado de trabalho, reconheço que é necessário, pensar noutras opções, que me permitem ter sucesso e estar próximo da área do Desporto.

Relativamente à minha experiência como praticante, pratiquei ténis de mesa e voleibol durante 2 anos no Desporto Escolar, Basquetebol nos Jogos Juvenis de Gaia e fui campeão Regional de Desporto Escolar em Natação. Nesta modalidade, também já lecionei, como professor estagiário durante o Ensino Secundário na piscina do Colégio de Gaia, trabalhando com alunos dos 3 aos 12 anos de idade. Apesar da diversidade de modalidades em que fui atleta, nunca fui federado, porque os meus pais sempre me proibiram, particularmente, devido a uma lesão num joelho, quando tinha 7 anos de idade. Os meus pais tinham receio que a prática federada pudesse agravar a minha lesão. Esta diversidade de modalidades, também me ajudou na leção das aulas, porque é necessária, muitas vezes, uma boa demonstração dos gestos técnicos e dos exercícios, por parte dos professores, para que os alunos entendam melhor a instrução. Para além disso, ajudou-me no conhecimento das habilidades motoras, no domínio do regulamento e terminologia específica e, por conseguinte, nos feedbacks e na seleção dos exercícios.

Em 2008, quando escolhi esta área, quis ser Professor de Educação Física apesar do mercado de trabalho estar complicado. Esta decisão surgiu do meu gosto pelo Desporto. Sempre fui aluno de 5 valores a Educação Física no Ensino Básico e pensava que ser professor de Educação Física era uma profissão interessante, porque era uma disciplina totalmente diferente das outras, que me permitia juntar o Desporto com a docência. Para mim, a disciplina de Educação Física é diferente das outras disciplinas porque é lecionada ao ar livre ou num espaço amplo, recorrendo à prática de diferentes modalidades como matérias de ensino, o que permite o contacto e experiências gratificantes entre alunos e professores. Reconheço que ser professor é uma profissão que tem um mercado de trabalho bastante preenchido, mas disseram-me que “os bons têm sempre lugar” e, portanto, tento adquirir o máximo de conhecimento e experiência em todas as atividades que realizo (aulas da FADEUP, voluntariado, participação em palestras e conferências), bem como, complementar a minha formação em áreas importantes para o meu desempenho enquanto docente. Nunca fui um aluno brilhante, mas dou o melhor naquilo que faço e com isto nunca reprovei na escola, nem a nenhuma Unidade Curricular, tendo sempre cumprido com os meus objetivos e obtido boas notas. No entanto, reconheço que a minha forma de trabalhar nem sempre é a melhor, porque às vezes deixo acumular tarefas sendo esta uma característica mais evidente no início do EP. Mas rapidamente percebi que a carga de trabalho, emanada na prática pedagógica, juntamente com as tarefas a desempenhar para o relatório de estágio, projeto de formação individual e projeto de investigação exigiam uma melhor gestão do tempo disponível, para que conseguisse realizar as tarefas com sucesso.

Relativamente ao modo como me imaginava no papel de professor, sei que os professores de Educação Física podem assumir diferentes estilos de ensino, conforme a sua personalidade e perceção do ensino e papel do professor. Inicialmente, não sabia como seria o meu estilo, mas pelas experiências que tinha vivenciado imaginava que não seria autoritário, bem pelo contrário, como gosto que os meus alunos se sintam bem nas aulas, tentaria preparar aulas apelativas, com exercícios que eles gostassem e que lhes

proporcionasse aprendizagens. Parte desta percepção acabou por ter reflexo na minha prática pedagógica. Considero que fui um professor democrático, em que exercia o controlo da turma e exigia que as regras de funcionamento fossem cumpridas. Além disso, valorizei a opinião dos alunos e mantive uma boa relação de afeto e comunicação com eles, ressaltando, segundo Trombeta (1997), a importância em se considerar a relação professor-aluno pela ótica bidirecional, tendo em atenção a atuação das duas partes envolvidas, o professor e o aluno, já que existe uma reciprocidade de comportamentos influenciadores.

Depois de enumeradas algumas das minhas virtudes para desempenhar o papel de professor de Educação Física é necessário relatar as dificuldades que sentia num primeiro contacto com o EP. Por exemplo, possuí algumas dificuldades em falar em público, embora tivesse melhorado esta característica ao longo do estágio, sentia dificuldades ao nível do vocabulário e construção de frases, assim como, algumas dificuldades na expressão escrita, que também considero ter melhorado ao longo do estágio, devido à quantidade de correções feitas pela professora cooperante e professora orientadora nos documentos realizados. Outras dificuldades centravam-se no ensino da Dança, concretamente ao nível da técnica da expressividade, o que exigiu um grande esforço da minha parte para treinar as coreografias e realizar as demonstrações aos alunos. Para além disso, de modo a superar estas dificuldades tentei envolver-me mais nas atividades de dança que eram desempenhadas na Escola, como dançar com os alunos no recreio, participar nas atividades da Associação de Estudantes, entre outros. Neste aspeto, confesso que tive a sorte de ter um colega de estagiário que me deu uma ajuda preciosa, com a sua experiência na dança e aulas de grupo. Outra dificuldade que senti algumas vezes durante o estágio, foi o superar e lidar com o cansaço e a frustração. Considero que estes sentimentos são normais devido à acumulação de trabalho ao longo do EP, mas também porque trabalhava ao fim-de-semana. A frustração surgiu, esporadicamente, prejudicando por vezes, a minha prestação porque algumas aulas não decorriam como expectava. Esta apatia originava alguma apatia frente aos acontecimentos das aulas, por isso deambulava pelo espaço, não conseguia ser interventivo e proactivo.

2.2. Expetativas iniciais em relação ao Estágio Profissional

Segundo Batista et al. (2014, p. 68) “Questões como “o que deve a formação inicial de professores fornecer” e “o que vai a profissão exigir” conduzem-nos a reflexões acerca do modo como ocorre a passagem da formação à profissão”. Desta forma, durante o EP foi refletindo muito acerca de como iria ser o Estágio desde o seu princípio. Esperava um bom ano, repleto de boas experiências e vivências enriquecedoras para a minha vida enquanto docente, e que refletisse uma avaliação no patamar do “Muito bom”, dado o peso desta avaliação na média final de curso.

O Estágio Profissional (EP) foi um ano de muito trabalho e de muitas vivências que ficarão guardadas para sempre na minha vida. Este foi um ano em que estive muito próximo daquilo que procuro para a minha vida profissional, que me permitiu conhecer a responsabilidade de ser professor e tudo o que essa função acarreta. Desde a planificação das aulas de Educação Física até à sua leção, fui eu a desempenhar a função para o qual estou a estudar há quase 5 anos e como tal, foi o momento de aplicar todos os conhecimentos adquiridos, adequando-os e transformando-os para a realidade da escola, para que conseguisse ter um bom desempenho como professor. Digo transformar porque, sentia necessidade de adaptar e adquirir diferentes ferramentas para melhorar o meu trabalho, seja na gestão de aula, do controlo da turma, da organização, como outras ações inerentes ao processo de ensinar e ser professor.

Em relação aos alunos, temia encontrar algumas dificuldades, visto que a escola se encontra inserida numa zona de nível socioeconómico baixo, logo previa seguramente problemas de comportamento e dificuldades no processo de ensino, que acabaram por acontecer, mas foram situações esporádicas. A Escola é uma instituição frequentada por cerca de 700 alunos, alguns dos quais já sofreram maus tratos e até violações, o que por si só torna o “ambiente” escolar complicado.

Apesar de haver muito insucesso escolar, acreditava e acredito que grande parte dos alunos têm capacidades para aprender, mas não atingem o

sucesso escolar, talvez devido à falta de autoconfiança e baixa autoestima. Na realidade, parecem serem persuadidos uns pelos outros a não se esforçarem nas tarefas, nem para obter bons resultados, verificando-se um efeito “bola de neve”.

As minhas expetativas para os alunos eram que eles cumprissem os objetivos propostos por mim, adquirindo um maior conhecimento ao nível da Educação Física, e que gostassem de mim como professor, respeitando-me e ajudando-me durante o estágio, o que acabou por acontecer.

Relativamente à área disciplinar de Educação Física, considero que fomos bem-recebidos pelos professores e fomos tratados como professores, e não como “estagiários” ou subalternos. Deste modo, fizeram-nos sentir como sendo parte da escola e do grupo de trabalho, ajudando-nos em muitas dificuldades, como planeamento das atividades, soluções para problemas com determinados alunos ou até para a tomada de decisões acerca da matéria de ensino lecionada ao longo do Estágio Profissional. Tenho uma relação bastante próxima com todos os professores do grupo disciplinar e até com outros professores da escola, com quem sabia que podia debater variados assuntos, não só relacionados com a Educação Física, como também relacionados com toda a Escola e tudo o que lhe está inerente.

Em relação ao núcleo de Estágio, este foi um grupo essencial para que o trabalho e os resultados surgissem com maior facilidade. Devido ao trabalho conjunto, sinto que aprendemos melhor e mais rapidamente porque observamos as aulas uns dos outros, percebendo que muitas dificuldades eram comuns, sendo este o princípio para debatermos estratégias de modo a combater essas dificuldades e resolver problemas. Ouvi vários colegas estagiários de anos anteriores a dizer que a relação entre os estagiários era essencial para o seu desenvolvimento enquanto professores e para todo o trabalho desenvolvido durante o EP. A Joana e o João, professores estagiários que já conhecia da licenciatura, foram de facto um apoio fundamental a vários níveis, seja nas aulas, como no planeamento das aulas. O apoio deles foi fundamental e considero que nós, como “equipa”, demos muito à escola enquanto educadores e professores

procurando manter uma boa relação com toda a comunidade escolar e intervindo nos eventos que ocorreram na escola.

A professora cooperante trabalhou muito para nos ajudar no nosso papel de professores. Com um pouco de irreverência e radicalismo guiou-nos por caminhos que nos permitiu adquirir variados conhecimentos, para aplicar ao longo do nosso EP e na futura vida profissional. Digo guiado porque a PC não nos transmitiu soluções para os nossos problemas, mas obrigou-nos a pensar nas diferentes possibilidades para chegarmos a uma solução. Este processo foi importante, porque tivemos, tanto individualmente como coletivamente, uma constante reflexão acerca de diversos assuntos, pensando sempre nos prós e contras das ideias que argumentávamos.

A professora orientadora, apesar do pouco contacto que tivemos, considero que fez parte do meu processo de aprendizagem, não estando apenas como avaliadora do nosso trabalho, mas como agente para esclarecer as minhas dúvidas, que foram surgindo acerca do estágio e acerca do modo de trabalhar na Escola.

Toda a comunidade educativa assume responsabilidades muito importantes na escola, funcionando como elementos no processo de educação dos alunos. E, de facto, encontrei na Escola funcionários competentes e sempre dispostos a ajudar, que influenciaram positivamente na boa educação dos alunos. Desde a funcionária do pavilhão à reprografia obtivemos destes agentes, uma simpatia diária e serviços prestáveis, havendo uma relação saudável e informal, que nos permitiu debater e obter informações acerca da escola, professores e alunos.

Relativamente aos Encarregados de Educação, já não posso dizer o mesmo, porque muitos deles não compareciam às reuniões e alguns nem sequer conhecíamos. É complicado os alunos obterem bons resultados se os pais não se preocupam com o sucesso dos seus filhos e mostram desinteresse pela formação dos educandos.

3.Enquadramento da Prática Profissional

3. Enquadramento da Prática Profissional

3.1. Enquadramento Legal e Institucional

Para uniformizar uma prática profissional tão complexa como prevista no Estágio Profissional, é necessário haver documentos reguladores e orientadores que guiem o Professor Estagiário desde o início até ao fim do processo. O Estágio Profissional na FADEUP está regulamentado por 2 documentos, “As normas orientadoras do Estágio Profissional” e o “Regulamento do Estágio Profissional”.

A Unidade Curricular de Estágio Profissional é constituída por duas componentes: a Prática de Ensino Supervisionada (PES) e pelo Relatório de Estágio.

A Prática de Ensino Supervisionada, conforme enunciado no Regulamento de Estágio profissional contempla três áreas de desempenho, a área 1, 2 e 3.

A Área 1 está diretamente ligada à função do professor através da conceção, planeamento, realização e avaliação do processo. Nesta Área 1 devem constar tarefas como a lecionação das aulas das turmas atribuídas, a elaboração de documentos para os três níveis de planeamentos, a elaboração de um plano de observações e a sua realização, participar nos conselhos de turma residente em que realize a prática de ensino supervisionada, bem como nas reuniões do departamento e do grupo disciplinar.

A Área 2 - Participação na Escola e relações com a comunidade, está ligada com as atividades não letivas, de forma a integrar o PE na comunidade escolar, promovendo o sucesso educativo e reforçando o papel do professor de Educação Física na escola e na comunidade local, através de uma intervenção adequada. Nesta área fazem parte tarefas como participar nas atividades do plano educativo do departamento e do núcleo de estágio, a promoção de pelo menos uma ação no âmbito das atividades desportivas, recolher e organizar a informação relativa à função do diretor de turma, participar nos conselhos de turma em que realize a prática de ensino supervisionada, a elaboração do

relatório do trabalho desenvolvido, recolher e analisar a informação relativa ao Desporto Escolar e acompanhar um clube do Desporto Escolar

A Área 3 - Desenvolvimento profissional, está ligada à construção da minha identidade profissional e do sentido de pertença a um grupo profissional. Esta área tem como objetivo perceber a necessidade da atualização e desenvolvimento de conhecimentos de forma a desenvolver a nossa capacidade de trabalho e competência através da reflexão, reflexão na ação e na reflexão da reflexão na ação. Nesta vertente constam tarefas como elaborar o Projeto de Formação Individual, recorrer à investigação como forma de entender e informar a prática que está a ser objeto de investigação, participar em ações de formação para suprimir lacunas, acrescentar e melhorar a minha formação, elaborar o relatório de Estágio cumprindo as normas descritas no Regulamento de Estágio, elaborar atas e adquirir competências necessárias ao exercício da profissão na escola, assumir uma participação ativa nos debates acerca de questões profissionais, relativas ao sistema educativo, à escola e ao grupo disciplinar, recorrendo sempre a uma argumentação sustentada e evidenciando um discurso cuidado.

Para dar início ao EP, os Professores Estagiários escolhem as escolas cooperantes (com protocolo com a FADEUP) onde pretendem realizar a prática de ensino supervisionado, conforme a sua ordem de preferência. Consoante a média de classificações e o número de ECTS concluídos é atribuído uma Escola a cada Professor Estagiário.

Cada Professor Estagiário vivencia o EP em núcleo de estágio constituído por um Professor Cooperante e um Professor Orientador da FADEUP. A Professora Cooperante, consoante o seu horário lectivo atribuí, no mínimo, uma turma residente a cada Professor Estagiário, conseguindo ainda uma turma partilhada para o Núcleo de Estágio do 2º ciclo de ensino. No entanto, cabe ao PC a decisão de delegar uma ou mais turmas partilhadas.

No final do Estágio Profissional é atribuída uma classificação, sendo que 50% corresponde ao desempenho do professor durante a Prática de Ensino Supervisionada e os restantes 50% correspondem à elaboração e defesa do Relatório de Estágio.

3.2. Enquadramento Funcional

3.2.1. A Escola Cooperante

A Escola, onde realizei o meu EP tinha aproximadamente 700 alunos, 75 professores no corpo docente, dos quais 9 eram de Educação Física, e um elevado número de funcionários.

A oferta educativa está destinada ao 3º Ciclo (7º, 8º, 9º ano de escolaridade), Ensino Secundário, Cursos Profissionais, Cursos Vocacionais. No Ensino Secundário tem o curso de Ciências e Tecnologias e o curso de Línguas e Humanidades. Já para os cursos profissionais possui o curso de Turismo e o curso de Gestão e Programação de Sistemas Informáticos. Para os cursos Vocacionais, a escola apresenta o curso de Informática, o curso de Restauração, o curso de Secretariado.

O lema do projeto educativo da escola é “Mais cidadania, mais competência”, que reproduz o objetivo da escola, na procura de criar e potenciar características e valores relevantes nos alunos para que no futuro sejam cidadãos mais competentes e melhores humanos.

Relativamente às infraestruturas, esta escola possui 5 pavilhões destinados a aulas, 1 polivalente onde a comunidade escolar pode encontrar o bufete, a cantina, a papelaria, uma sala para utilização da Associação de Estudantes e um espaço com mesas e cadeiras para momentos de lazer de alunos, professores e funcionários. Num dos pavilhões podemos encontrar a biblioteca, a sala da direção da escola, a sala de professores, a reprografia e a secretaria da escola.

Ao nível de recursos direcionados para a prática de Educação Física, temos um pavilhão dividido em três espaços (G1, G2, G3), sendo que, o espaço G3 é utilizado pela Escola EB 2/3 Sophia de Mello Breyner. Temos ainda um espaço exterior, com o piso alcatroado, constituído por um campo de Andebol, dois de Basquetebol, um de Voleibol, uma pista de atletismo e uma caixa de areia. Este espaço exterior foi ótimo para a prática de Atletismo, já para o

Basquetebol e Andebol tornou-se mais difícil por não ter vedação, provocando algumas perdas de tempo com bolas que iam para longe dos espaços. Estes espaços foram suficientes para a lecionação das aulas de EF, apesar do espaço disponível do pavilhão ser bastante reduzido para certas modalidades (Basquetebol, Andebol e Futebol) porque era dividido com outras turmas. Nestes casos tivemos de adaptar o planeamento das aulas ao espaço disponível para a prática, sendo que foi sempre importante manter todos os alunos em elevado empenhamento motor. Relativamente aos recursos materiais, a escola tinha défice de material de algumas modalidades como Futebol (poucas bolas), sendo que durante o ano letivo foram adquiridas novas bolas, por isso este não foi um problema. A falta de material na Ginástica (aparelhos como minitrampolim, entre outros...) teve mais impacto sobre as aulas porque apenas foi possível lecionar ginástica de solo e ginástica acrobática, visto que não existia material para ginástica de aparelhos. Nas outras modalidades, considero que o material era suficiente e tinha condições razoáveis para a aprendizagem dos alunos.

3.2.2. O Grupo de Educação Física

O grupo de Educação Física era composto por 9 professores de Educação Física, dos quais 2 não tinham turmas atribuídas, sejam por estarem destacados como diretores de instalações ou por tutoria e acompanhamento de alunos com Necessidades Educativas Especiais (NEE). Estes professores tinham praticamente idades acima dos 40 anos, sendo professores muito experientes e com bastantes anos de serviço docente. O clima dentro do grupo não era o melhor, havendo dificuldade de alguns professores se relacionarem entre si, seja por problemas anteriores, seja por possuírem personalidades distintas e muito fortes, que prejudicavam as relações profissionais dentro do grupo. Apesar disso, foram muito importantes para o nosso desenvolvimento já que integrar-se na instituição e aprender com os colegas mais experientes é extremamente importante como refere Batista et al. (2014, p. 81) “ser professor é compreender os sentidos da instituição escolar, integrar-se numa profissão, aprender com os colegas mais experientes. É na escola e no diálogo com os outros professores

que se aprende a profissão”, daí a importância do grupo de Educação Física na nossa formação.

3.2.3. O Núcleo de Estágio

O Núcleo de Estágio era constituído por 3 professores estagiários e a professora cooperante. Este núcleo reunia-se às terças-feiras (às 9h30) e às quintas-feiras (às 15h30), sendo debatidas as aulas lecionadas pelos professores estagiários, os problemas da prática profissional, as tarefas a desempenhar pelos professores estagiários e pela professora cooperante, entre outros assuntos importantes para o EP. Considero que a ajuda e o trabalho entre os constituintes do Núcleo foram extremamente importantes ao longo do Estágio, porque existiu uma ajuda mútua por parte de todos para que pudéssemos atingir o sucesso durante o EP.

3.2.4. Pessoal não docente

O Pessoal não docente, apesar de não estar diretamente ligado ao Ensino, são agentes importantes no processo formativo dos alunos e no auxílio dos professores, nomeadamente de Educação Física, para a gestão de espaços do pavilhão e do exterior, assim como para a gestão do material. Apesar de existir um grande número de elementos do Pessoal não docente na Escola, apenas um pequeno número 6/7 elementos teve um contacto mais frequente com os professores estagiários. Por exemplo, a funcionária do pavilhão que nos ajudou nos recursos espaciais e materiais, cedendo o material necessária para as nossas aulas e guardando o material valioso dos alunos; a funcionária do espaço exterior, que nos abria a porta dos balneários e nos ajudava quando precisávamos de material; a funcionária da reprografia que nos imprimia os planos de aula e restantes documentos necessários para o EP e as funcionárias do bufete, que nos serviam sempre com boa-disposição nos momentos de descanso entre aulas.

3.2.5. Turma residente

A minha turma residente era uma turma de 9ºano constituída por 22 alunos, 10 raparigas e 12 rapazes. Nesta turma existem dois alunos com Necessidades Educativas Especiais (NEE), sendo que um possuía agenesia de corpo caloso e o outro um distúrbio de hiperatividade. Estes alunos não demonstraram qualquer tipo de problema na realização da aula de Educação Física. Além disso, uma aluna tinha atestado médico devido à sua escoliose, portanto, não realizava aulas práticas de Educação Física.

No domínio do Saber esta era uma turma heterogénea, visto que existiam alunos excelentes nos conhecimentos demonstrados ao longo das aulas, mas também alunos com grandes dificuldades nas diferentes matérias. Esta diferença fez com que tivesse de relembrar mais vezes os conteúdos lecionados quer no início de cada aula, quer no fim de cada aula para que os alunos retivessem a matéria lecionada.

No domínio do Saber Ser era uma turma que no início do ano letivo demonstrava alguns problemas de comportamento, mas, através da criação de rotinas de aula, melhorou substancialmente o seu desempenho neste domínio. A relação entre os alunos era boa, havendo um ou outro aluno mais isolado devido às trocas de turmas na transição de ano. Neste aspeto tive alguma sorte, porque não precisei ter muita atenção na organização dos alunos devido a problemas entre si, tendo apenas atenção a um ou a outro aluno mais distraído ou falador.

No domínio do Saber Fazer a turma apresentou-se num bom nível, exceto na Ginástica, em que a prestação dos alunos ficou muito aquém do esperado. O facto de haver muitos alunos praticantes federados (Futebol, Andebol, Basquetebol) e praticantes no Desporto Escolar (Badminton) foi um fator importante para o desempenho dos alunos nas respetivas modalidades durante as aulas de Educação Física, facilitando o papel do professor estagiário, pois para cada modalidade tinha sempre um aluno que auxiliava no processo de aprendizagem dos colegas com mais dificuldades.

A relação professor-aluno também sempre foi positiva. Os alunos sentiram o clima positivo das aulas, sem descuidar o comportamento e o bom funcionamento da sessão.

3.2.6. Turma partilhada

A turma partilhada pelo núcleo de estágio era um 9º ano constituído por 21 alunos, 11 raparigas e 10 rapazes. Nesta turma existem dois alunos com Necessidades Educativas Especiais. Estes alunos não demonstravam qualquer tipo de problema na realização da aula de Educação Física.

No domínio do Saber era uma turma heterogénea, visto que existiam alguns alunos excelentes demonstrando bastantes conhecimentos da matéria ao longo do ano letivo, mas também alunos com grandes dificuldades nas diferentes matérias. Neste domínio, a turma era claramente inferior à minha turma residente, tendo algumas dificuldades na aquisição de conhecimento devido aos seus problemas do Saber Ser (pontualidade, assiduidade, comportamento).

No domínio do Saber Ser era uma turma de nível satisfatório, visto que possuía alunos com problemas de assiduidade e pontualidade. Neste domínio existiam alguns alunos pouco responsáveis, porque se esqueciam do equipamento das aulas práticas ou arranjam desculpas para não fazer aula. Apesar disso, a relação entre os alunos era boa, não havendo nenhum problema de desentendimentos entre si, nem nenhum problema de comportamento mais grave.

No domínio do Saber Fazer era uma turma homogénea de bom nível, não havendo nenhum aluno que se destacasse dos restantes.

Nesta turma, como referido anteriormente, a disciplina de Educação Física era lecionada por todos os professores estagiários, simultaneamente. Para além disso, eu e os restantes professores estagiários assumimos a direção de turma deste grupo, já que a diretora da respetiva turma era a professora cooperante. Esta leção simultânea fez com que tivéssemos de preparar a aula em grupo, aumentando a nossa capacidade de trabalhar em equipa, para a leção sincronizada dos conteúdos.

Para além desta turma partilhada, foi lecionada uma Unidade Didática de Voleibol ao 2ºCiclo. A turma do 5ºano era constituída por 20 alunos, sendo que 3 possuíam Necessidades Educativas Especiais (NEE). Uma aluna tinha um défice cognitivo verbal permanente, outro aluno tinha síndrome de Asperger e uma aluna tinha um Currículo Específico Individual (CEI). Devido ao facto de esta turma possuir um número considerável de alunos com NEE foi necessário adaptar alguns exercícios e aumentar a minha atenção sobre estes alunos. Foi completamente diferente lecionar nesta turma, visto que o escalão etário era muito diferente, por isso, foi necessário adotar diferentes estratégias, principalmente ao nível da instrução, utilizando vocabulário mais simples e mais adequado ao escalão etário.

Nesta modalidade optei por utilizar o ensino por níveis, visto que tinha alunos capazes de realizar jogo 3x3 e alunos que tinham dificuldades na realização do passe e na sustentação da bola, sendo que nestes casos utilizado o jogo reduzido 2x2 e muitos exercícios baseados neste formato.

4.Área 1- Organização e Gestão do Processo de Ensino e da Aprendizagem

4. Área 1 – Organização e Gestão do Processo de Ensino e da Aprendizagem

4.1. Conceção

A Educação Física é uma disciplina imprescindível no currículo dos alunos, que possibilita aos alunos tomarem contacto uns com os outros num espaço ao ar livre ou no pavilhão, em vez da constante permanência em salas de aula, como acontece nas outras disciplinas. Para mim, Educação Física é muito mais que uma disciplina que melhora a saúde e o bem-estar, é uma disciplina que promove atitudes e valores para a Sociedade, promove hábitos de higiene, a cooperação e o trabalho de equipa, necessário ao aluno, assim como, o esforço e o trabalho na luta pela superação das dificuldades e obstáculos. A Educação Física é uma disciplina orientada para o desenvolvimento multilateral e harmonioso do aluno que utiliza o Desporto como matérias de ensino.

Segundo o Programa Nacional de Educação Física do 3º Ciclo (2001) a conceção de Educação Física “pode definir-se como «a apropriação das habilidades técnicas e conhecimentos, na elevação das capacidades do aluno e na formação das aptidões, atitudes e valores, ('bens de personalidade' que representam o rendimento educativo), proporcionadas pela exploração das suas possibilidades de atividade física adequada – intensa, saudável, gratificante e culturalmente significativa.”

Esta etapa inicial caracteriza-se pela reflexão e preparação do processo de ensino-aprendizagem dos alunos, sendo importante que o professor analise e perceba todo o contexto que envolve a prática de ensino supervisionada. Dada a importância deste processo, foi necessário, primeiramente, proceder à análise do documento referente ao Estágio Profissional, denominado “Normas Orientadoras do Estágio Profissional”, que permite a regulação e uniformização dos Professores Estagiários (PE). De seguida, depois de realizada uma profunda análise deste documento, foi necessário perceber o contexto em que iremos realizar a nossa prática de ensino supervisionada, a Escola e o meio envolvente,

o seu Projeto Educativo, o Projeto Curricular de EF e o Regulamento Interno para que conseguíssemos orientar o nosso trabalho na mesma perspetiva da Escola. Esta análise foi extremamente importante para perceber todo o funcionamento da Escola, desde a carga horária de Educação Física, as regras de funcionamento das aulas, os objetivos da Escola, determinados pelo Projeto Educativo, e os recursos que podíamos utilizar na Escola

A análise aos programas nacionais de Educação Física e a planificação de 3º Ciclo de Educação Física constituíram os passos seguintes, já que depois de analisado o local onde iremos realizar a nossa Prática de Ensino Supervisionado (PES), foi necessário conhecer as matérias e conteúdos a lecionar, bem como as metas e finalidades que os nossos alunos devem alcançar no fim de cada modalidade e no final do ano letivo. Através desta análise, percebi que o programa nacional de Educação Física exige muitos reajustes ao contexto, visto que parece muito desarticulado com o ensino que se pratica hoje nas escolas, porque a consolidação de certos conteúdos, é condicionada devido ao escasso tempo disponível para a nossa disciplina, o que faz com que um aluno do 9º ano chegue, por vezes, ao fim do ciclo com o conhecimento de um aluno de 7º ano (de acordo com o programa nacional de Educação Física). Uma das soluções para reduzir o impacto deste problema são os reajustes que cada escola faz com a elaboração de um documento mais local, o projeto curricular da área disciplinar, em que procura adequar as matérias de ensino ao contexto da escola e ao seu meio envolvente (alunos, recursos materiais e espaciais).

A planificação de 3º Ciclo de Educação Física, na minha opinião está bem formulado e adequado à Escola, exceto para o ensino de algumas modalidades, que são pouco extensas, particularmente para as turmas que lecionei. Esta planificação está baseada no currículo de multiactividades, semelhante ao programa nacional de Educação Física, em que os alunos realizam diferentes modalidades em certos espaços de tempo (Ginástica de Solo, Ginástica Acrobática, Atletismo, Dança, Futebol, Andebol, Basquetebol, Voleibol, Badminton). Esta quantidade de matérias tem as suas vantagens e desvantagens. É bom os alunos terem acesso a um conhecimento vasto da

matéria de ensino, mas tal impossibilita a aprendizagem de tantos conteúdos em pouco tempo, já que cada UD tem entre 8 a 12 aulas. Esta é para mim, uma característica inibidora do processo de ensino-aprendizagem dos alunos. Além disso, com a análise da planificação de 3º Ciclo de Educação Física percebi que este documento difere em alguns aspetos com o que aprendi na Faculdade, nomeadamente, nas terminologias utilizadas em algumas modalidades.

O Plano Anual de Atividades (PAA) foi outro documento importante para a Escola e para o Departamento de Expressões, visto que este departamento tem muita influência na organização e planificação de muitas atividades, como por exemplo: o Corta-Mato escolar, o Dia D, o Meeting de Atletismo, entre outros.

Analizados todos os documentos reguladores da Escola e do processo de Ensino foi necessário conhecer os alunos atribuídos a cada Professor Estagiário (PE), para perceber como adequar o processo de Ensino ao nível dos alunos. Para conhecer estes alunos, utilizei a ficha de registo biográfico do aluno, aplicado pela Diretora de Turma e, analisado por mim, e uma ficha específica da disciplina de Educação Física, criada pelo núcleo de Estágio sobre a prática desportiva dos alunos. Esta ficha serviu para perceber a quantidade e o nível de prática desportiva dos alunos da turma residente e partilhada, de modo a perceber o desporto mais praticado pelos alunos, a diversidade de desportos praticados, o nível de prática dos alunos e o tempo dispendido para a prática desportiva.

4.2. Planeamento

4.2.1. Planeamento Anual

Quando falamos de Organização e Gestão do processo de ensino e da aprendizagem, é extremamente importante falar do planeamento e tudo o que este envolve, planificação mais macro (Planeamento Anual) até à planificação mais micro (Plano de Aula). Este planeamento está dividido em 3 níveis, o Planeamento Anual, o Planeamento da Unidade Didática e o Plano de Aula.

Segundo Bento (2003, p. 67) “ a elaboração do plano anual constitui o primeiro passo do planeamento e preparação do ensino e traduz, sobretudo, uma compreensão e domínio aprofundado dos objetivos de desenvolvimento da personalidade, bem como reflexões e noções acerca da organização correspondente do ensino no decurso de um ano lectivo”. Este documento deve ter em atenção o “*roulement*”¹ do grupo de EF, já que certos espaços não são apropriados para lecionar certas modalidades.

De facto, “a planificação do processo educativo é extremamente complexa, pluridimensional e multiforme, dependendo também de condições diversas”. (Bento, 2003, p. 19), nomeadamente, das condições para a prática das diferentes modalidades. Por exemplo, a ginástica deve ser realizada dentro do pavilhão porque lá encontro o material adequado para esta modalidade; Ou o Atletismo que deve ser lecionado no exterior, pois é lá que se encontra os recursos espaciais adequados para a sua prática. Apesar disso, podemos encontrar condições adversas, como condições meteorológicas impeditivas da aula, a utilização dos espaços e materiais por outros docentes ou até a realização de atividades nesses espaços, que nem sempre conhecemos no início do ano lectivo e podem condicionar o nosso planeamento.

Assim, o Planeamento Anual foi um documento elaborado pelo PE, que permitiu distribuir o ensino das modalidades pelo ano letivo. Esta distribuição teve em atenção o tipo de modalidade, modalidade individual ou coletiva, a motivação dos alunos para a prática da modalidade, as semelhanças entre modalidades, por exemplo, o Basquetebol e o Andebol, e os recursos materiais e espaciais.

As modalidades abordadas durante o EP foram: Ginástica Solo, Ginástica Acrobática, Andebol, Basquetebol, Atletismo, Futebol, Badminton, Dança e Voleibol, sendo que no 1º Período foi abordada a Ginástica Solo (10 aulas), o Andebol (12 aulas) e o Basquetebol (9 aulas); no 2º Período foi abordado o Atletismo (8 aulas), o Futebol (8 aulas), a Ginástica Acrobática (10 aulas) e o

¹ “*Roulement*” - mapa da distribuição dos espaços desportivos pelos horários das turmas

Badminton (8 aulas); no 3º Período foi abordada a Dança (10 aulas) e o Voleibol (9 aulas).

Este planeamento necessitou de ser alterado diversas vezes, devido ao atraso nas diferentes modalidades e porque depois de observar algumas falhas dos meus colegas PE, percebi que era melhor fazer algumas alterações para tornar o documento mais eficiente e adequado à realidade da minha turma. Por exemplo, percebi que os alunos gostavam de Ginástica Acrobática, mas tinham algumas dificuldades na criação e elaboração das figuras, portanto decidi aumentar o número de aulas destinadas à prática desta modalidade

4.2.2. Planeamento da Unidade Didática

Elaborado o Planeamento Anual foi necessário elaborar, posteriormente um planeamento mais específico para cada modalidade, o Planeamento da Unidade Didática. Para a elaboração deste nível de planeamento, recorri ao modelo de estrutura de conhecimento (MEC), proposto por Vickers (1990). Este modelo é dividido em 8 módulos, o módulo 1 (Estrutura do Conhecimento), 2 (Análise do Envolvimento) e 3 (Análise dos Alunos) fazem parte da análise, o módulo 4 (Sequências e Extensão dos Conteúdos), 5 (Definição dos objetivos), 6 (Configuração da Avaliação) e 7 (Progressões de Ensino/Situações de Aprendizagem) fazem parte das decisões e o módulo 8 é a aplicação. Segundo Bento (2003, p. 75) "os objetivos da unidade temática só podem ser alcançados gradualmente, requerendo por isso uma planificação bem inter-relacionada de todo o seu processo". Considero este nível de planeamento o mais difícil dos 3, visto que é, provavelmente, o planeamento mais flexível da nossa disciplina. Com o curto tempo disponível para cada UD e a quantidade de conteúdos a serem lecionados é necessário flexibilizar este planeamento, porque os alunos nem sempre desenvolvem e evoluem conforme a nossa perceção. Além disso, a nossa pouca experiência emerge também como uma dificuldade na elaboração deste nível de planeamento, pois, muitas vezes, não temos a noção de quanto tempo um aluno dispense para aprender determinado conteúdo. Sendo para mim o nível de planeamento mais difícil, também o considero o mais importante,

porque através deste planeamento definimos logo à partida, o que vamos lecionar em cada aula (os conteúdos) e de que forma irão ser lecionados, atendendo sempre às 4 dimensões de aprendizagem (habilidades motoras, cultura desportiva, fisiologia e condição física, conceitos psicossociais). Além disso pensamos nas estratégias de ensino, na definição de objetivos, na configuração da avaliação e nas progressões de ensino. Desta forma, “o planeamento da unidade temática não deve dirigir-se preferencialmente para a matéria «em si mesma» - a abordar nela – mas sim para o desenvolvimento da personalidade (habilidades, capacidades, conhecimentos, atitudes) dos alunos, pelo que deve, sobretudo, explicitar as funções principais assumidas naquele sentido por cada aula”. (Bento, 2003, p. 78)

4.2.3. Plano de Aula

Segundo Bento (2003, p. 102) “antes de entrar na aula o professor tem já um projeto da forma como ela deve decorrer, uma imagem estruturada, naturalmente, por decisões fundamentais. Tais são, por exemplo, decisões sobre o objetivo geral e objetivos parciais ou intermédios, sobre a escolha e ordenamento da matéria, sobre os pontos fulcrais da aula, sobre as principais tarefas didáticas, sobre a direção principal das ideias e procedimentos metodológicos”. Com efeito, para mim o plano de aula é o instrumento mais específico dos 3 níveis de planeamento, podendo dizer-se que é o instrumento diário do professor. Nele deve constar todas as informações necessárias para lecionar uma aula de Educação Física, desde o material necessário, os objetivos gerais da aula, os objetivos específicos, as situações de aprendizagem, as palavras-chave e o tempo utilizado para cada exercício. Todos estes aspetos devem ser interrelacionados, promovendo assim, uma ajuda fundamental no decorrer da aula.

Este instrumento deve ser alvo de uma grande atenção e cuidado, pois através dele já conseguimos perceber alguns dos problemas que podem acontecer ao nível da Gestão de Aula e Organização. Um dos grandes problemas que tive na realização do Plano de Aula foi a definição dos objetivos

específicos. Por exemplo, na Dança a expressividade é um aspeto fundamental, mas é difícil defini-lo como um comportamento observável na execução do aluno.

Inicialmente, escolhia primeiro os exercícios para as diferentes modalidades e só depois definia os objetivos para os exercícios, o que percebi mais tarde que estava completamente errado, pois devemos escolher situações de aprendizagem que permitam dar resposta objetivos primeiramente definidos. A diferença entre as componentes críticas e as palavras chave foram outro aspeto que me criou alguma dificuldade, pois as componentes críticas são comportamentos específicos necessários para uma boa execução dos conteúdos, enquanto que as palavras chave são termos mais informais que podemos usar, com base nas componentes críticas, para que os alunos percebam o que queremos transmitir. Por exemplo, no passe de frente de Voleibol, uma componente crítica pode ser a flexão/extensão de todos os segmentos corporais para realizar o passe, já uma palavra-chave poderia ser “cresce para a bola” ou “efeito mola”. Na minha turma de 5º Ano, como a linguagem tem de ser mais simplificada utilizava como palavra chave “cresce para a bola” para obter o mesmo efeito pretendido.

De forma a suprimir as minhas dificuldades na realização do plano de aula, tentava corrigir os planos, lendo-os e mostrando-os aos meus colegas de Núcleo de Estágio, e através das correções da PC e da PO tentava perceber o porquê de serem corrigidos para que na próxima vez não cometesse os meus erros.

4.3. Realização

A Realização é um tema muito importante na prática profissional do PE, pois baseia-se em conceitos relacionados com a intervenção e atuação do professor na disciplina de EF e sua função como docente. O primeiro contacto com a turma, o controlo dos alunos, o clima de aula, a instrução, a rentabilização do tempo e do espaço, o tempo de empenhamento motor e a avaliação foram as tarefas e as dimensões da didática mais importantes e, conseqüentemente, que mais me preocuparam ao longo deste processo formativo de EP. Por esta razão,

seguidamente apresento algumas vivências e reflexões relacionados com estes temas.

4.3.1. Primeiro Contacto com a turma

O primeiro contacto do PEE com os alunos é um momento importante no EP, pois é através desse momento que o professor estabelece relações com os seus alunos, obtém a primeira impressão sobre a turma e os alunos a primeira impressão sobre o professor.

Segundo Chalita (2015), os medos contemporâneos do professor são o medo do fracasso, o medo de não ser respeitado e o medo de não ser amado.

Lembro-me como se fosse hoje, que neste primeiro dia que conheceria a turma, sentia aquele aperto na barriga e aquele nervoso miudinho, por recear a reação deles frente à minha apresentação. Por um lado, tinha receio da reação dos alunos devido ao meio social onde se encontra a escola, em que os alunos demonstravam pertencer a famílias de baixo rendimento e por terem problemas comportamentais. Por outro lado, estava ansioso para começar a trabalhar na função que sempre desejei - ser professor. Desta forma, procurei recorrer à professora cooperante, núcleo de estágio e outros colegas sobre qual a melhor forma para causar uma boa impressão nos alunos.

No primeiro ano de Mestrado, na disciplina de Desenvolvimento Curricular, uma professora que tinha realizado o Estágio Profissional no ano anterior referiu que iniciou o Estágio com uma atitude “militar” para mostrar uma presença firme perante os alunos e, que com o passar do ano ia dando um pouco mais de autonomia e liberdade aos alunos. Portanto, no primeiro contacto com os meus alunos, pretendia criar uma boa impressão perante os alunos e ao mesmo tempo, apanhar logo as “rédeas” da turma pois, se perdesse o controlo iria ser mais difícil recuperá-lo. Então, decidi demonstrar aos alunos uma postura mais séria e intransigente para que eles denotassem um sentimento de exigência e profissionalismo por parte do professor.

Esta postura foi utilizada na primeira e segunda semana até começar a conquistar a autoridade dos alunos e um respeito mútuo. A partir desse momento

comecei a ter uma postura mais relaxada e calma, que normalmente tenho, sem nunca deixar que os alunos extravasem a minha percepção acerca da disciplina.

4.3.2. Controlo dos alunos

Segundo Nascimento (2007, p. 16) “o centro da atividade do professor é desviado constantemente para a intervenção em ações periféricas dos alunos, tendo continuamente de chamar a atenção, pedir silêncio, intervir em desentendimentos e/ou brincadeiras entre os alunos, solicitar insistentemente que realizem as tarefas propostas, ocorrendo a desorganização do trabalho pedagógico coletivo, que por consequência, afeta a qualidade do processo de ensino e aprendizagem”. De forma a evitar estes comportamentos inibidores do processo de ensino e da aprendizagem, adotei algumas estratégias ao longo do EP como rotinas de aula, regras de segurança e regras de funcionamento de aula para que os alunos não corressem riscos de lesão e para que os alunos tivessem uma percepção do que era permitido ou não na aula de Educação Física.

As rotinas de aula facilitavam a minha atuação enquanto professor, visto que resultava na diminuição do tempo despendido para transição e início/reinício das situações de aprendizagem. As regras de segurança, que diferem de modalidade para modalidade funcionavam como prevenção de lesões e acidentes durante a aula de EF, enquanto que as regras de funcionamento de aula eram fulcrais para o bom funcionamento da aula, de forma a potenciar o tempo útil para a aprendizagem. Este controlo dos alunos foi muito trabalhado ao longo do EP, apesar de ter incidido mais no 1º Período. As rotinas de aula, as regras de segurança diferem de modalidades para modalidades, espaços para espaços, entre outros. Por exemplo, em relação às rotinas de aula, na modalidade de Andebol, normalmente, reunia todos os alunos para instruir certos conteúdos, enquanto que na Ginástica, devido ao ensino por níveis, raramente, reunia os alunos pois os conteúdos lecionados eram diferentes e, desta forma, os conteúdos eram abordados em grupos, sem a necessidade de reunir todos os alunos. Em relação às regras de segurança, um caso muito flagrante era o perigo das cortinas existentes no pavilhão para delimitar os espaços para cada

turma, enquanto que no espaço exterior esse perigo não existia. Portanto, nas aulas de EF era sempre referido e exigido que os alunos se mantivessem longe das cortinas para evitar acidentes e lesões dos alunos enquanto que no espaço exterior não existiam esses perigos.

4.3.3. Clima de aula

O clima de aula foi uma dimensão pedagógica influenciadora no processo de ensino-aprendizagem. Esta dimensão pode ser positiva ou negativa, positiva quando os alunos estão em êxtase e excitados durante a aula ou negativo quando os alunos estão aborrecidos ou contrariados. O clima de aula nunca deve atingir os extremos, ou seja, o clima positivo ou o clima negativo em demasia é um fator prejudicador do processo de ensino e aprendizagem. Portanto, durante o meu EP procurei promover um clima de aula ligeiramente positivo privilegiando o processo de ensino aprendizagem através de atividades motivantes e promotoras de conhecimento para os alunos e através da minha prestação regulando certos comportamentos e atitudes desviantes por parte dos alunos.

4.3.4. Instrução e Feedback pedagógico

Considera-se instrução como o comportamento de ensino utilizado pelo professor para transmitir informação acerca dos objetivos e conteúdos de ensino Siedentop (1991). Esta instrução deve ser objetiva e precisa, utilizar palavras-chave focando os pontos essenciais que queremos que os alunos adquiram para depois executarem na prática, de forma a não comprometer o tempo de empenhamento motor.

Esta forma de intervenção do professor também pode ser utilizada para explicar e organizar situações de aprendizagem e a realização de revisões de conteúdos lecionados. Considero que a uma boa instrução pode fazer a diferença no progresso dos alunos, pois se os alunos perceberem a informação

transmitida terão oportunidade de exercitar corretamente os conteúdos e, deste modo, atingir os objetivos através da sua prática.

Para além da Instrução, o uso do Feedback foi importante para transmitir aos alunos um maior conhecimento acerca dos conteúdos lecionados. Segundo Sunaryadi (2016, p. 271) *“one of the most important variables in the motor-learning process is the feedback provided to the learner attempting to acquire a new motor skill. Feedback refers to any information received by a learner before, during, and after an attempt to perform a task in information about the quality or quantity of the performance”*.

Ao longo do EP, foi utilizado o feedback verbal através das correções por parte do professor e colegas, o feedback visual através da demonstração, visualização de vídeos e da observação do professor e/ou colegas da turma.

4.3.5. Rentabilização do Tempo e do Espaço

A rentabilização do tempo e do espaço foi uma dimensão pedagógica que exigiu maior atenção no 2º Período, visto que o objetivo nesta fase é promover o tempo útil de aula e a utilização e aproveitamento do espaço.

A rentabilização do tempo de aula pode ser melhorada através da diminuição do tempo entre situações de aprendizagem (transições), a criação de estratégias para começar a aula o mais cedo possível, uma instrução curta, precisa e objetiva, criação e utilização de rotinas de aula, entre outros aspetos que promovam o aproveitamento do tempo de aula. Durante as aulas de EF tive o cuidado de utilizar estratégias para rentabilizar o tempo de aula, através da implementação de rotinas (contagem de três segundos para reunir os alunos, etc.), planeamento dos exercícios conforme os espaços e as transições entre situações de aprendizagem (quando duas situações de aprendizagem não diferem muito uma da outra, pode não ser necessário reunir os alunos para instruir, poupando tempo na transição entre exercícios).

A rentabilização do espaço está relacionada com o aproveitamento do espaço destinado para a aula de EF. Quando temos 20 alunos para 1/3 de pavilhão é necessário aproveitar todo o espaço necessário, para que todos os

alunos estejam em constante exercitação. Por exemplo, no Futebol era impossível realizar jogos simultâneos de 5x5 num terço do pavilhão, devido à falta de espaço. A solução que eu utilizava era realizar jogo 4x4 ou 5x5, sendo que os restantes alunos realizam outras tarefas (exercícios de condição física, revisão de conteúdos lecionados, etc.). Outro exemplo, no Basquetebol só existiam 2 tabelas de Basquetebol, pelo que tinha de delinear bem como gerir os alunos em função dos espaços. Nesta modalidade lecionei jogo 3x3, sendo que, com 20 alunos apenas 12 alunos estão a realizar jogo 3x3. Os restantes alunos tinham de assumir a função de árbitro nos jogos dos colegas e ao fim de um tempo trocavam de funções. Desta forma todos os alunos tinham direito às mesmas experiências e aumentavam o seu conhecimento sobre as regras da modalidade e a função do árbitro através destas experiências.

A rentabilização do espaço e do tempo, devem ser alvo de reflexão durante o planeamento da aula, de forma a encontrar soluções e formas de aumentar o tempo útil de aula, o tempo de empenhamento motor e o tempo de oportunidade para a aprendizagem. Este aspeto foi melhorando de forma natural e através da experiência retirada da prática, ou seja, comecei a ver que certas mudanças traziam bons resultados e que deviam ser utilizadas e que certas mudanças traziam maus resultados e deviam ser evitados, a observação de estratégias por parte dos meus colegas de Núcleo de Estágio, PC e restantes professores de EF, de forma a melhorar a minha prestação enquanto docente.

4.3.6. Tempo de Empenhamento Motor

O tempo de empenhamento motor está relacionado com o tempo que alunos estão em exercitação na tarefa proposta pelo professor. A disciplina de EF é uma disciplina com pouca carga horária no currículo dos alunos, portanto, é importante aproveitar o tempo que temos disponível para a disciplina.

Segundo Graça (2001, p. 104) “a quantidade de tempo de empenhamento motor, o número de repetições ou o sucesso na realização das tarefas não pode ser abstraído da consideração fundamental que é o nível de processamento ou a qualidade do confronto do aluno com a tarefa de aprendizagem”.

Este tempo de empenhamento motor pode ser melhorada através de várias estratégias como a criação de rotinas de aula, situações de aprendizagem que promovam a constante exercitação, aumentando o número de oportunidades de aprendizagem para os alunos, rápidas transições entre exercícios e o aprimoramento da instrução. Por exemplo, se na Ginástica de Solo distribuir cinco alunos por um colchão, a quantidade de vezes que o aluno vai exercitar um conteúdo é muito menor do que se distribuir dois alunos por colchão. Neste caso, eu distribuí dois alunos por colchão, sendo que um exercitava o conteúdo e o outro aluno realizava ajudas, se necessário. Desta forma aumentava substancialmente o tempo de empenhamento motor de cada aluno. O tempo de empenhamento motor foi alvo de maior preocupação no final do 2º Período e no 3º Período.

4.4. Avaliação

A Avaliação é a reguladora do processo de Ensino e da Aprendizagem, pois através dela é possível aferir o desenvolvimento do conhecimento dos alunos e o processo de planejamento e atuação do professor. “Trata-se de um trabalho de discriminar e catalogar informação e de tomar decisões, com base em critérios explícitos e implícitos”² tendo como objetivo conduzir todos os alunos ao sucesso.

“As principais vantagens da Avaliação é a motivação sobre os alunos (informações sobre o sucesso), a informação dos alunos sobre o seu desempenho/attitudes, a identificação de dificuldades associadas ao ensino e aprendizagem e a base para a classificação dos alunos”².

“A avaliação da aprendizagem compreende as modalidades de avaliação diagnóstica, de avaliação formativa e de avaliação sumativa” (Decreto-Lei nº139/2012, de 5 julho). Portanto, é possível perceber através das diferentes modalidades da Avaliação o ponto inicial dos alunos (Avaliação Diagnóstica), o

² Mesquita, I (2015) Avaliação das Aprendizagens em Educação Física. Slides de apoio de Didática Geral. FADEUP

desenvolvimento dos alunos ao longo das UD (Avaliação Formativa) e o produto final (Avaliação Sumativa).

“A avaliação diagnóstica realiza -se no início de cada ano de escolaridade ou sempre que seja considerado oportuno, devendo fundamentar estratégias de diferenciação pedagógica, de superação de eventuais dificuldades dos alunos, de facilitação da sua integração escolar e de apoio à orientação escolar e vocacional” (Decreto-Lei nº139/2012, de 5 julho). Esta avaliação foi, habitualmente, realizada na 1ª aula da UD para analisar os alunos, as experiências anteriores ao nível das Habilidades Motoras, da Cultura Desportiva, da Fisiologia e Condição Física. Para realizar esta modalidade de Avaliação utilizei formas reduzidas de jogo, situações de aprendizagem diferentes consoante a modalidade a ser lecionada. Utilizei grelhas de registo baseadas em critérios de êxito e gravação de vídeo. Através desta Avaliação é possível perceber o conhecimento e as capacidades dos alunos para realizar o planeamento da UD e definir os objetivos que pretendemos no final da mesma. As maiores dificuldades desta avaliação foi escolher os critérios, o escasso tempo disponível para a sua realização e a quantidade de critérios a serem observados e avaliados.

“A avaliação formativa assume carácter contínuo e sistemático, recorre a uma variedade de instrumentos de recolha de informação adequados à diversidade da aprendizagem e às circunstâncias em que ocorrem, permitindo ao professor, ao aluno, ao encarregado de educação e a outras pessoas ou entidades legalmente autorizadas obter informação sobre o desenvolvimento da aprendizagem, com vista ao ajustamento de processos e estratégias” (Decreto-Lei nº139/2012, de 5 julho). Esta foi realizada ao longo da UD para perceber em que estado nos encontramos (alunos e professor) e aspetos a melhorar para conseguir atingir os objetivos delineados. Considero esta a melhor forma de avaliação, pois registamos todos os comportamentos (positivos e negativos) evidenciados durante a aula e, assim, temos uma melhor análise do desenvolvimento do aluno ao longo da UD. Através da utilização de uma grelha de registo foi avaliando os alunos e o seu desenvolvimento, alertando os alunos consoante o seu rendimento os aspetos que estes deviam melhorar, de forma a

atingirem o sucesso. Tive algumas dificuldades nesta Avaliação, sendo a principal a atribuição das classificações desta avaliação em cada aula, pois muitas vezes ficava indeciso qual a atribuição a dar ao aluno pelo seu desempenho ao longo da aula e, comparativamente aos restantes colegas.

“A Avaliação Sumativa traduz -se na formulação de um juízo global sobre a aprendizagem realizada pelos alunos, tendo como objetivos a classificação e certificação” (Decreto-Lei nº139/2012, de 5 julho). Esta Avaliação foi realizada no final da UD como o produto final de todo o processo de ensino e de aprendizagem. É através desta avaliação que podemos perceber os aspetos positivos e negativos no planeamento, nos objetivos delineados inicialmente, na prestação dos alunos e na prestação do professor. Esta Avaliação funciona como uma demonstração daquilo que foi aprendido ao longo da UD e como poderemos melhorar a nossa prestação e o nosso desempenho. Através de grelhas de registo criteriosais e de gravação de vídeo realizei esta avaliação, principalmente em jogo formal ou formas de jogo reduzidas. No caso da Dança e da Ginástica Acrobática, a Avaliação Sumativa foi realizada através da apresentação de uma pequena coreografia, por parte dos alunos. Para mim foi a modalidade de Avaliação mais difícil, pois não queria ser injusto com os alunos, o tempo disponível era reduzido, a quantidade de aspetos e alunos a serem avaliados era grande e a minha experiência/capacidade também não era um fator que ajudava nesta Avaliação. Considero que a experiência como professor ajudar-me-ia a melhorar este processo, a avaliação, em todos os níveis.

A Avaliação é um aspeto importante no processo de ensino aprendizagem dos alunos, visto ser atribuída a função de regular o processo de ensino. Esta função decide se o aluno transita ou não transita e demonstra o trabalho efetuado ao longo do ano nos diversos momentos de avaliação. Nesta Escola os critérios de avaliação específicos da disciplina de Educação Física estão distribuídos por três domínios: o Saber Estar, domínio em que se insere a Assiduidade, a Pontualidade, o Interesse, a Participação, o Espírito Desportivo e Cooperação e o Cumprimento de normas de funcionamento cujo o total é constituído por 30% da nota final; O Saber que é constituído por 10% da nota final, em que o aluno deve ser capaz de conhecer, aplicar e criticar os fundamentos das modalidades.

O Saber Fazer é constituído por 60% da nota final, em que o aluno deve ser capaz de aplicar os critérios de correção técnica e regulamentar na realização das tarefas propostas para cada prática desportiva. Considero estes critérios adequados ao meio escolar, aos alunos que nele participam e ao projeto educativo, visto que a disciplina valoriza mais o Saber Fazer e o Saber Estar em conformidade com o slogan do projeto educativo “mais cidadania, mais competência!”.

Considero que a Avaliação é um processo difícil, pois queremos observar vários aspetos nos alunos e temos pouco tempo e não queremos ser injustos com os nossos alunos. A minha PC dizia “A avaliação é o processo mais injusto do Ensino. Cabe a nós fazer com que seja o menos injusto possível”, porque a Avaliação depende da prestação dos alunos, mas também da prestação dos professores. Desta forma, procurei realizar uma pequena avaliação da prestação dos alunos em cada aula, procurei escolher bem quais os conteúdos a serem avaliados em cada modalidade, procurei avaliar os alunos através de diferentes instrumentos (grelhas de registo, gravação vídeo) para que as Avaliações fossem o menos injustas possíveis.

Apesar da dificuldade da realização das avaliações, considero que houve melhorias ao longo do EP nesta vertente, sendo que diminuí o tempo dispendido para avaliar cada aluno e desenvolvi um sentido mais crítico na avaliação dos alunos.

5.Área 2 – Participação na Escola e relações com a Comunidade

5. Área 2 – Participação na Escola e relações com a Comunidade

A participação na Escola e relações com a Comunidade é outra grande vertente do Estágio Profissional. Nesta vertente está inserida toda a nossa participação na escola como Professor e o trabalho realizado para além da lecionação na disciplina de Educação Física. Através desta vertente, percebi a importância das reuniões, o Desporto Escolar, a função do Diretor de Turma e da realização das atividades na Escola. A participação nestas funções e atividades permitiu-me perceber qual o papel do professor fora da disciplina de EF e o que é necessário desenvolver em cada função para ser um professor mais competente e proactivo na Escola.

5.1. Reuniões

Neste ano de EP participei em diversas reuniões desde as mais gerais às mais específicas. Participei nas reuniões Gerais de Professores, nas reuniões de Departamento e de grupo de EF, nas reuniões de Diretores de Turma, nas reuniões de Conselho de Turma e nas reuniões com Encarregados de Educação.

A reunião Geral de Professores foi o nosso primeiro encontro na função docente e com a comunidade escolar. Este foi um dia diferente, porque pela primeira vez, assumíamos o verdadeiro papel de professores na escola. Senti-me como parte integrante da escola, o que me deixou contente e com um sentimento novo, uma vez que sempre estivemos neste contexto no lugar contrário, como alunos. Por esta razão, este dia foi marcado pela descoberta de uma nova posição e função na escola - o de professor.

Na realidade, este dia conteve momentos diferentes comparativamente ao que estava à espera, pois ansiava que fosse um momento mais “profissional”, com mais seriedade, mas não foi o que efetivamente aconteceu. Os professores entraram na sala cheios de boa disposição e como muitos já se conheciam este

era um momento de colocar a conversa em dia e para “mataram saudades” uns dos outros.

Depois desta parte inicial, o diretor fez uso da palavra e começou a reunião., em que foi feita uma apresentação estatística acerca dos alunos, dos professores, e a apresentação dos projetos em vigor na escola, quer do ano letivo anterior, como do novo ano. Também foi mostrado o horário de funcionamento da escola, assim como, o aviso de algumas reuniões que se iriam ocorrer no decorrer do mês, como a reunião de diretores de turma, de conselho de turma, com Encarregados de Educação, entre outros.

Nesta sessão, foram também transmitidas algumas diretivas aos professores sobre ações a tomar nas diversificadas situações que acontecem durante o trabalho docente, informações acerca do projeto educativo e como resolver problemas disciplinares de forma mais correta ao olhar daquela Escola.

As reuniões de Departamento tiveram também um grande impacto sobre nós, pois ficamos a conhecer os nossos colegas de Educação Física e da área das Expressões. Ainda hoje me lembro da primeira reunião, onde encontrei professores mais introvertidos, outros mais extrovertidos, e todos diferentes uns dos outros. Nessa primeira reunião foi atribuído o horário aos professores, assim como as turmas com a qual a nossa professora cooperante ficaria responsável por lecionar. Além disso, foram tratados outros assuntos, como o agendamento das reuniões de Departamento.

Ao longo do ano foram realizadas mais reuniões para debater diversos assuntos, como as atividades a serem realizadas (Plano Anual de Atividades), a discussão sobre como aplicar os fundos disponíveis do Departamento, o modo de adquirir material para a área disciplinar de Educação Física, o funcionamento do Desporto Escolar, entre outros.

As reuniões de Diretores de Turma, que serviram como esclarecimento de dúvidas para o desempenho desta função, assim como, a criação de um guião e diretrizes para o bom desempenho desta função. Estas reuniões consistiam no planeamento das reuniões com os Encarregados de Educação e Conselhos de Turma, para que todas as reuniões fossem uniformizadas e decorressem pela mesma ordem de trabalhos.

As reuniões de Conselho de Turma foi outra oportunidade para o esclarecimento de dúvidas, nomeadamente, relacionadas com as notas do final de cada período, principalmente no 3º Período. A partir destes momentos consegui perceber o que os professores diziam, quando afirmavam: “estas notas são apenas uma proposta, depois o conselho de turma é que decide”. Esta situação foi perfeitamente visível durante as nossas reuniões. Um exemplo foi uma experiência com 5 alunos que não estavam admitidos para as provas finais e quando chegou o final da reunião tínhamos apenas 1 aluno, visto que o aluno não mostrou desempenho em nenhuma das disciplinas do currículo.

As reuniões com os Encarregados de Educação também foram fundamentais para a nossa formação, pois estamos em contacto com os responsáveis pelos nossos alunos e através deles conseguimos perceber algumas vivências e situações que podem explicar certos comportamentos por parte dos alunos. Na primeira reunião senti algum nervosismo, porque não fazia ideia de como seria visto pelos pais dos meus alunos. Acabei por ser bem aceite, tanto eu como os meus colegas de Núcleo de Estágio, o que foi bom ter a confiança dos Encarregados de Educação dos nossos alunos. Estes recorreram algumas vezes a mim e aos meus colegas para falar acerca dos seus discentes, na qual tive oportunidade de vivenciar um pouco a experiência de ser o elo de ligação, por vezes, entre os pais e os alunos. Para além disso, estes momentos serviram para conhecer um pouco melhor os alunos, ou seja, perceber um pouco a influência da postura e atitudes dos pais sobre os meus alunos. Através destes momentos, percebi que alguns alunos demonstram falta de interesse pela Escola, da mesma forma que os Encarregados de Educação o demonstram. Nestas reuniões, existia uma adesão favorável por parte dos Encarregados de Educação, o que eu considero bom para o desenvolvimento dos seus filhos - nossos alunos.

5.2. Desporto Escolar

O Desporto Escolar é uma atividade positiva da Escola e da disciplina de Educação Física, porque é uma forma de os alunos terem acesso à prática

desportiva, à competição sem custos e pertencer a uma afiliação, vivenciando outras riquezas inerentes ao Desporto, como o espírito de grupo e de equipa, o fair-play, o sentimento de pertença e de filiação à Escola, o saber lidar com o sucesso e com o insucesso, o respeito pelo árbitro e pelo adversário, entre outros.

No EP, tive oportunidade de acompanhar o grupo de Desporto Escolar da modalidade do Corfebol. Esta é uma modalidade que está em crescimento em Portugal e não havendo muitos clubes promotores desta modalidade, esta é uma excelente oferta da escola cooperante.

A nossa função, como PE, foi acompanhar a equipa de Corfebol, através da comparência, participação e até a realização do treino, no Desporto Escolar às quarta-feira à tarde. Para além disso, procuramos assistir aos jogos realizados por eles ao longo do ano letivo, o que foi difícil devido à minha vida profissional.

A participação do Núcleo de Estágio foi uma mais-valia para o Desporto Escolar e para a modalidade, pois a adesão dos alunos foi maior devido à nossa ligação à modalidade e ao nosso impacto na comunidade educativa. Como tal, considero que fomentamos a prática desportiva na Escola e nos alunos, que é um dos objetivos principais do Desporto Escolar. Além disso, o nosso objetivo de renovar o título de campeão regional foi conseguido, por isso todos os alunos/atletas participantes nesta modalidade, assim como, a todos os envolvidos neste projeto merecem os parabéns.

5.3. Função do Diretor de Turma

Segundo Roldão (1995, p. 4) “o director de turma desempenha, junto dos docentes da turma, uma função de coordenação — das actuações de cada um deles no âmbito da respectiva área de docência — e de articulação/mediação entre essa acção dos professores e os restantes actores envolvidos no processo educativo: os alunos e os encarregados de educação. Estas funções do director de turma situam-no assim na interface entre duas áreas de intervenção: a docência e a gestão. O director de turma é, por um lado, um docente que

coordena um grupo de docentes e é, simultaneamente, um elemento do sistema de gestão da escola a quem cabem responsabilidades na gestão global do conselho de turma a que preside”. O Diretor de Turma funciona como o gestor do sucesso da turma.

No EP, eu e o meu Núcleo de Estágio acompanhamos e colaboramos na função de diretores de turma da turma partilhada, o 9ºC. Através do desempenho desta tarefa, tive uma melhor perceção do que é ser o diretor de turma e as tarefas necessárias ao desempenho desta função: a preparação das reuniões de Conselho de Turma e das reuniões com os Encarregados de Educação, a justificação das faltas dos alunos, a organização do *dossier* de turma e dos processos individuais do aluno e a resolução de problemas do foro educativo, seja da relação professor-aluno, como de Encarregados de Educação-aluno, ou aluno-aluno.

O diretor de turma assume um papel importante e complexo na Escola, pois assume a função de professor de uma disciplina e a função de articular todos os intervenientes de uma determinada turma – Encarregados de Educação, Professores e Alunos. Este papel simultâneo de professor/diretor de turma, por vezes, retira-nos tempo de aula de EF para tratar de assuntos de direção de turma e para além disso, dá-nos uma maior responsabilidade perante os alunos, pois eles consideram-nos como o professor mais importante devido ao nosso constante contacto com os Encarregados de Educação e os professores das diferentes disciplinas.

Esta foi uma experiência muito enriquecedora, principalmente porque vivenciei a resolução de vários casos complicados, desde participações e processos disciplinares ao caso mais extremo, como por exemplo, a retirada de alunos aos pais através da CPCJ (Comissão de Proteção de Crianças e Jovens).

5.4. Corta-Mato

O Corta-Mato escolar foi uma atividade desenvolvida no 1º Período, em que a nossa função passou por cooperar com os restantes professores de Educação Física. No meu caso, ajudei nas tarefas logísticas para a realização

da prova, concretamente, na preparação do percurso e a vigilância das provas. É uma atividade com aspetos positivos e negativos, sendo que é uma atividade que fomenta a prática de exercício físico, a competitividade, a filiação à Escola e o gosto pela corrida. Considero que os aspetos negativos são a preparação que antecede a prova, em que os alunos dão pouca importância à técnica de corrida e à preparação desta prova, em que, na maioria das vezes, os alunos realizam o percurso na aula de EF antes do corta-mato e não realizam mais nenhuma preparação. Ou seja, queremos que os alunos participem, queremos que os alunos ganhem, seja a nível de Escola, distrital e até mesmo nacional, mas não preparamos os alunos para a atividade.

O facto de a inscrição não ser obrigatória é uma boa alternativa, porque os alunos não devem ser obrigados a participar, mas sim motivados e serem levados a inscreverem-se porque realmente gostam do Corta-Mato.

Relativamente à minha prática pedagógica, retirei algumas coisas boas como a parte da logística e organização de uma prova deste género. Lamento não ter participado no Corta-Mato distrital como alguns colegas da FADEUP, mas no futuro não faltaram oportunidades para tal.

5.5. Dia D

No dia D ocorreram várias atividades na Escola, a realização de torneios para a comunidade escolar, um torneio de Andebol para o 3º ciclo e Ensino Secundário e um torneio de Futsal para o Ensino Secundário.

No torneio de Andebol servimos apenas como auxiliares, prestando apoio aos professores responsáveis pela organização do torneio para as tarefas necessárias.

Relativamente ao torneio de Futsal, pediram-me para desempenhar a função de árbitro neste torneio, organizado por um aluno do Secundário. Como árbitro de Futebol, aceitei o convite, visto que era mais uma forma para participar na Escola e dar alguma credibilidade a um torneio organizado e realizado por alunos da Escola.

Esta atividade teve vários aspetos positivos e negativos, sendo que foi uma atividade em que nem sempre o objetivo destas atividades esteve presente. Os aspetos positivos foram a fomentação da prática de diferentes modalidades como o Andebol e o Futsal. A escolha das modalidades trouxe alguns aspetos negativos, porque sendo o Andebol um desporto de contacto e havendo falta de conhecimento dos alunos sobre as regras que compõe esta modalidade, houve muitos confrontos entre alunos, havendo alunos a serem hospitalizados devido a estes confrontos. Considero que é uma forma de cativar os alunos a praticar outras modalidades, mas deviam ter colocado regras, de forma a limitar o contacto físico e o risco de haver confrontos entre jogadores. Muitos alunos possuem o espírito de “ganhar a todo o custo” em vez do respeito pelas regras e o fair-play.

O dia D mostrou-me alguns aspetos a ter em conta para a criação de uma atividade futura, pois o comportamento e a competitividade dos alunos, nem sempre é a mais saudável, sendo que estas atividades devem ser sempre planeadas com cuidado, nunca comprometendo o objetivo da Escola e da atividade.

5.6. “Orientação Matemática”

A prova “Orientação Matemática” foi desenvolvida e organizada pelo Núcleo de Estágio da Escola, destinada aos alunos do 9ºano, e com o apoio das professoras da disciplina de Matemática. Esta prova consistiu numa prova de Orientação pela Escola utilizando conteúdos da disciplina de Matemática, dando ênfase à multidisciplinariedade que os professores devem promover nas escolas.

A escolha desta atividade deveu-se ao facto de a Orientação ser uma modalidade que não costuma ser abordada e não consta na planificação do 3º Ciclo da Escola. Portanto, decidimos utilizar esta atividade para os alunos experienciarem e aumentar o conhecimento sobre uma nova modalidade e, simultaneamente, recordarem os conteúdos matemáticos para aumentar o interesse dos alunos pela disciplina. Na escola cooperante, os resultados

negativos na disciplina de Matemática são elevados, por isso optamos por esta disciplina, principalmente, porque são alunos que seriam colocados à prova na Prova Final de Matemática do 3º Ciclo.

Esta atividade decorreu em 2 fases: uma prova experimental para os alunos adquirirem noções básicas de Orientação e a prova propriamente dita.

A prova experimental foi realizada durante a aula de Educação Física, em que eu e os meus colegas de Núcleo de Estágio, lecionamos uma aula a cada turma do 9º Ano para preparar os alunos para a atividade principal. A leção da aula foi assegurada por mim, enquanto os meus colegas de Estágio preparavam o percurso. A aula consistia na introdução de alguns conceitos básicos de Orientação (origem, funcionamento, instrumentos, entre outros) para os alunos conhecerem um pouco mais sobre a modalidade. De seguida, foi realizada a introdução e exercitação dos pontos cardeais e da rosa dos ventos para relembrar conteúdos apreendidos anteriormente. Posteriormente, foi introduzida e exercitada a aferição da passada para que os alunos, durante a realização da prova, tivessem uma melhor perceção da distância a percorrer para conseguirem encontrar os pontos. E, por fim, os alunos realizaram o percurso experimental.

O percurso experimental funcionava da seguinte forma: cada equipa iniciava a prova com um cartão de controlo e um mapa, que continha 5 pontos diferentes. Os alunos dirigiam-se ao 1º ponto, onde encontravam uma baliza com instruções (e.g. “dirige-te 15 metros para Sul”), que os alunos teriam de cumprir para encontrar uma nova baliza com questões sobre Orientação (e.g. “Vira-te para Oeste.” ou “Qual o ponto cardinal à tua direita?”). Os alunos respondiam às questões no cartão de controlo, de seguida, deslocavam-se para o 2º ponto e, assim, sucessivamente até chegar ao fim da prova.

Todos os alunos participaram na atividade e para não haver problemas durante a realização da prova, decidimos que cada equipa iniciava a prova com 2 minutos e 30 segundos de diferença para não correrem o risco de se encontrarem. No final questionamos os alunos acerca da prova para obtermos um *feedback* sobre as suas dificuldades e melhorias a implementar e, assim, perceber a adesão que os alunos poderiam ter à atividade principal. No final, as

respostas dos cartões de controlo foram analisadas e divulgados os vencedores da prova experimental.

Concluída a prova experimental, foram afixados cartazes pela Escola para promover a atividade “Orientação Matemática”. Além disso, deslocamo-nos às turmas do 9ºano para conseguir inscrições para a prova. Desta modo, conseguimos um total de 18 equipas de 4 elementos para a realização da prova final.

A prova “Orientação Matemática” teve a duração de 2h e realizou-se no dia 2 de junho de 2017 pelas 10h30. Previamente, foi afixado um horário com a partida das diferentes equipas, em que cada equipa iniciava a prova com uma diferença de 5 minutos para a equipa seguinte. Nesta prova foram realizados 3 percursos diferentes para que houvesse uma diferença de 15 minutos na realização do mesmo percurso (e.g. a Equipa A com o percurso 1 iniciava a prova às 10h30, a equipa D com o percurso 1 iniciava a prova às 10h45). Nesta prova foram utilizados conteúdos matemáticos, portanto, para além do mapa e do cartão de controlo, os alunos também levavam uma calculadora, cedida pela Escola.

Durante a prova, eu e uma colega do Núcleo de Estágio estivemos a controlar as partidas e chegadas das equipas, enquanto que o meu outro colega de Estágio, a par com os alunos de 12ºano da turma da minha PC, controlavam os percursos e as balizas para que não houvesse destruição de materiais e houvesse uma rápida resolução de possíveis problemas.

No final da atividade foram analisados os cartões de controlo para encontrar o vencedor da prova e atribuir os prémios aos primeiros classificados. A pontuação foi atribuída conforme a duração da prova e das respostas certas dadas pelos elementos de cada equipa. A cerimónia de entrega de prémios ocorreu pelas 16h30, no final de todas as atividades, sendo atribuídos os prémios aos três primeiros classificados, bem como as respetivas medalhas, e entregues os diplomas de participação a todos os participantes. Ao 1º lugar foi atribuída uma aula experimental de Surf para todos os elementos da equipa; ao 2º lugar foi atribuído um vale a cada elemento no valor total de 20€ para gastar numa loja “Sportzone”; e ao 3º lugar foi atribuído uma refeição a cada elemento

da equipa no “Snopão”, um restaurante frequentado pelos alunos da Escola. Estes prémios foram conseguidos através da aquisição de patrocínios conseguidos pelo investimento da nossa parte, para que a atividade fosse uma experiência gratificante para os alunos.

Relativamente à minha função na atividade, lecionei a aula destinada à prova experimental, criei os mapas, os cartões de controlo, os percursos e plastifiquei as balizas desde a prova experimental até à realização da prova “Orientação Matemática”. No dia da atividade, juntamente com o Núcleo de Estágio, preparei um dos percursos a realizar e controlei o início e fim de prova de todas as equipas. Por fim, realizei a correção dos cartões de controlo e a entrega de prémios em cooperação com os meus colegas de núcleo de Estágio.

5.7. Jogos Tradicionais

No dia 2 de junho de 2017, pelas 14h30, foi realizada a atividade de jogos tradicionais, organizada por mim. Já que as atividades realizadas pelo Núcleo de Estágio não chegaram a todos os alunos da Escola, procurei desenvolver uma atividade destinada a todos os escalões etários e para que os alunos experimentassem e competissem para vencer o desafio proposto em cada espaço. O facto de os alunos não necessitarem de equipamento próprio nem de uma grande carga física fez com que esta atividade tivesse bastante aderência por parte dos alunos. Esta experiência foi positiva para mim enquanto professor, pois tive de assumir um papel proactivo na Escola e foi uma boa experiência saber que os alunos aderiram e gostaram das atividades propostas por mim e pelo Núcleo de Estágio. Este evento foi constituído por 3 provas, o “jogo do saco”, a “corrida de pranchas” e o “jogo da colher”. O “jogo do saco” consistia na realização de um percurso definido por mim, no menor tempo possível. Para dificultar a tarefa, o aluno tinha de realizar o percurso dentro de um saco de “sarapilheira”. A “corrida de pranchas” consistia na realização de um percurso definido por mim, no menor tempo possível. Nesta prova era necessário a participação de 3 alunos, simultaneamente. Estes alunos teriam de colocar os pés em cima de 2 pranchas de madeira e deslocar-se através da cooperação

entre eles. O “jogo da colher” consistia na realização de um percurso definido por mim, transportando com uma colher de sopa com uma bola de ténis de mesa, no menor tempo possível. Este jogo é, habitualmente, realizado com ovos em vez de bolas de ténis de mesa, mas para evitar desperdício de ovos e sujidade na escola, decidi substituir ovos por bolas de ténis de mesa.

Estas provas ocorreram no pátio da escola, em que qualquer aluno podia participar em qualquer uma das provas e quantas vezes pretendesse. No final houve prémios para os três primeiros classificados de cada prova. A classificação era realizada conforme o tempo utilizado pelos alunos para a realização da prova, sendo que, os alunos que realizassem a prova em menos tempo eram os vencedores.

Nesta atividade participaram cerca de 50 alunos da escola, um número que considero positivo, visto que, simultaneamente, ocorria um torneio de futvolei. Nesta atividade procurei promover a prática desportiva dos alunos que estavam na escola e que não participavam no torneio de futvolei.

6.Área 3 – Desenvolvimento Profissional

6. Área 3 – Desenvolvimento Profissional

O EP foi um processo de grande desenvolvimento pessoal e profissional para mim, enquanto PE, porquanto me permitiu adquirir e aprimorar diferentes competências e capacidades importantes para a minha vida pessoal e profissional. A necessidade de aprimoramento e melhoramento da minha prestação ao longo do EP, enquanto professo estagiário, fez com que desenvolvesse competências e capacidade, necessárias a um melhor desempenho como a responsabilidade, a exigência, a gestão do tempo e a organização.

A gestão e organização do tempo foi um aspeto importante para conseguir ter sucesso no EP, porque tive de organizar bem o meu tempo para conseguir realizar todas as tarefas, desde lecionar aulas, planejar as atividades, realizar as tarefas necessárias ao EP (relatórios, PFI, observações, entre outros...), lecionar aulas de expressão musical nas AEC's, arbitrar jogos aos fins-de-semana e, para além disso, pertencer à direção de uma instituição. Assumi muitas atividades simultâneas, portanto, a organização do tempo foi fundamental para conseguir atender a todas as tarefas. Esta gestão do tempo teve e terá efeitos positivos no meu desenvolvimento pessoal e profissional, pois a experiência retirada do EP irá ajudar-me mais tarde, quando exercer a função docente, a ter de organizar a minha vida em torno de várias turmas e várias atividades dentro e fora da Escola.

Uma das grandes capacidades que aprimorei foi a responsabilidade, porque deixamos de ser alunos e passamos a ser um exemplo para os alunos. Este exemplo relaciona-se diretamente com a responsabilidade de ser professor, portanto, as nossas atitudes têm de ser conscientes e ponderadas, principalmente, representar a classe de professores.

A maturidade profissional também foi desenvolvida ao longo deste EP, percebendo hoje uma diferença notória entre a primeira aula lecionada (em Setembro) e a última aula (em Junho). Esta maturidade profissional irá ser, ainda mais, desenvolvida nos próximos anos como docente, se não nos esquecermos que ser professor é estar em constante aprendizagem e em constante desenvolvimento das suas capacidades. Neste EP, não considero ter atingido o

limite das minhas capacidades e competências como docente, mas considero que aumentei o leque de conhecimentos e capacidades indispensáveis para o desempenho futuro desta profissão.

A Formação versus Prática Profissional foi a maior dificuldade encontrada no EP, pois considero que é uma diferença considerável aprender a ser professor e, efetivamente, ser professor. Por muito que na faculdade nos ensinem a ser professores, existe uma grande diferença entre a teoria e a prática.

Desde o meu 10º ano de escolaridade que vou tendo experiências próximas à lecionação, tanto através do ensino por pares, como através da lecionação em grupo de pequenas UD's, mas nada se compara a esta experiência de Estágio Profissional, pois só aqui temos a verdadeira experiência como docente, um ano lectivo como professores. Considero que, por muitos conhecimentos que se tenha sobre a docência, é difícil desempenhar as funções de professor, pois iremos precisar sempre de os ajustar a diferentes realidades e cada contexto será sempre um momento de confronto. O bom professor é aquele que tem bons conhecimentos e que é capaz de aplicar os seus conhecimentos na prática aliados a uma boa relação com os discentes.

6.1. Estudo de investigação - O efeito da relação parental no rendimento escolar de alunos do 3º ciclo

6.1.1. Introdução

Nogueira & Fortes (2004) afirmam que é possível definir rendimento escolar em função da distância que o aluno percorre no sistema de ensino, do prestígio dos ramos de ensino seguidos por ele e da velocidade com que ele realiza o seu percurso. Nesses termos, os casos de maior sucesso são definidos como aqueles em que os sujeitos alcançam os ramos superiores e mais prestigiados do sistema de ensino no menor prazo possível. Já Formosinho (1991) diz que o rendimento escolar é entendido como o sucesso do aluno certificado pela escola, proposição que sugere que o insucesso é veiculado pela

não certificação escolar. Chechia & Andrade (2005) dizem que o rendimento escolar é uma construção social que se constitui, frequentemente, de crenças e concepções partilhadas por pais e alunos. Ou seja, a percepção do rendimento escolar é diferente consoante os agentes, devido às suas raízes culturais, crenças e concepções diferenciadas.

Para Chechia & Andrade (2005), os pais de classe desfavorecida diante do fraco rendimento escolar do filho, tendem a sentir-se desarmados, aceitando com resignação o insucesso dos filhos e afirmando por exemplo: ele não dá para os estudos, não tem hipóteses. Os pais de classe mais favorecida tendem a referenciar o julgamento da escola e responsabilizar os filhos.

Num trabalho de investigação realizado por Bastos et al. (2015) foi investigado a percepção dos alunos acerca do que era o sucesso e o rendimento escolar. Segundo estes autores “as percepções do sucesso escolar dos alunos basearam-se na resposta à questão “Para ti, o sucesso escolar é: passar de ano sem qualquer negativa? ou passar de ano com boas notas?”. O resultado a que chegaram foi que “grande parte dos alunos define o seu sucesso escolar através da aprovação/transição de ano a par de boas classificações”. De referir que esta resposta foi maior nos alunos mais novos e nas meninas.

Segundo Fernández et al. (2011), vários investigadores concluíram que não existe apenas uma causa para o insucesso escolar, o insucesso escolar é influenciado por inúmeros fatores, pelo que se deve reconhecer que tanto o sucesso como o insucesso escolar dependem de fatores que dizem respeito ao aluno, à escola e às influências familiares”. Estes autores remetem-nos para um conjunto de fatores que caracterizam o sucesso escolar como fenómeno multidimensional. O sucesso escolar e o rendimento escolar são conceitos que se relacionam, já que o rendimento escolar se refere aos alunos que obtêm boas classificações e bons resultados escolares, o que vai ao encontro do sucesso escolar. Assim, como apresentado na fig. 1, a relação com os filhos/clima familiar parece ser um dos aspetos que influencia o sucesso/rendimento escolar, fazendo parte dos grupos nucleares do fenómeno multidimensional.



Figura 1 O sucesso escolar como um fenómeno multidimensional Fernández et al. (2011)

Efetivamente, como refere Barradas (2012, p. 27), “a família, como primeiro meio de socialização, assume um papel ímpar na educação dos filhos, e deve colaborar com a escola de forma positiva para que o aluno beneficie duplamente da educação”. De facto, como refere Reginatto (2013, p. 4) “a base para a construção da personalidade de um indivíduo está na família. É nela que se busca encontrar referências, carinho e proteção.” Desta forma, parece ser importante que os pais promovam uma boa relação com os educandos, sem esquecer a sua função como educadores.

Também Wang et al. (1994) realizaram uma meta-análise sobre Educação, identificando e priorizando 28 fatores que influenciam a aprendizagem dos alunos. O meio social e o apoio dos pais surgiram em quarto lugar dos 28 fatores, reforçando assim, a importância que os pais têm no rendimento escolar dos filhos.

A relação afetiva tem uma forte ligação com a relação parental, pois uma boa relação afetiva entre pais e alunos, normalmente, demonstrará uma boa relação parental, o que não quer dizer que esta seja ideal para um bom rendimento escolar. Para entender o conceito de relação afetiva, Bercht (2001, p. 59) diz-nos que esta pode ser percebida “como o domínio das emoções propriamente ditas, dos sentimentos das emoções, das experiências sensíveis

e, principalmente, da capacidade de contactar com as sensações” referindo-se às vivências dos indivíduos e às formas de expressão mais complexas e essencialmente humanas. Para Sarmento (2010) a relação afetiva, assim como a inteligência, não aparece instantaneamente nem permanece inalterada. Estas desenvolvem-se através da sua construção e modificam-se ao longo do tempo à medida que o indivíduo se desenvolve. Podemos entender, assim, que a relação afetiva está relacionada com o domínio das emoções, sensações e formas de expressão complexas e humanas. Este processo não nasce com o indivíduo, sendo ele capaz de a construir e modificar à medida que se desenvolve e se relaciona com outros indivíduos. Portanto, os laços afetivos entre pais e filhos pode resultar da relação diária que ambos constituem ao longo dos processos de educação e desenvolvimento dos educadores, sendo importante entender o impacto que a relação parental pode ter no rendimento escolar dos alunos e, conseqüentemente, no sucesso escolar.

Parker et al. (1979) identificaram quatro estilos possíveis de caracterização da relação parental entre pais e filhos: (a) *affectionate constraint* pressupõe um elevado cuidar e uma elevada proteção; (b) *optimal parenting* com um elevado cuidar e baixa proteção; (c) *affectionless control* com uma elevada proteção e baixo cuidar; (d) *Neglectful parenting* com um baixo cuidar e baixa proteção.

Com a minha investigação pretendo caraterizar a relação parental dos alunos com o pai e a mãe e, posteriormente, perceber o seu efeito no rendimento escolar dos alunos.

6.1.2. Metodologia

6.1.2.1. Metodologia de recolha

O questionário (PBI) foi aplicado no 2º Período, na parte inicial de uma aula de EF. O professor explicava o objetivo do questionário, qual o objetivo do estudo em questão e o facto de o questionário ser secreto, apelando ao máximo

de sinceridade possível. De seguida, os alunos eram distribuídos pelo espaço (pavilhão/espço exterior) e, individualmente, respondiam ao questionário

6.1.2.2. Participantes

Os participantes do presente estudo foram os alunos das quatro turmas de 9º ano dos estudantes-estagiários de uma escola do concelho de Vila Nova de Gaia. A opção pelas turmas do Núcleo de Estágio da Faculdade de Desporto da Universidade do Porto, emergiu pelo contato diário com alunos nas aulas de EF facilitar a aplicação dos questionários. O grupo dos participantes era, portanto, constituído por 74 alunos com idades entre os 15 e os 17 anos de idade ($15,03 \pm 1,039$). Devido à ausência do pai e/ou mãe, 4 alunos foram desde logo excluídos do grupo de participantes. Importa ainda referir que foram considerados os alunos que possuíam padrastos e/ou madrastas.

6.1.2.3. Instrumento

Para analisar a relação parental entre os pais e os alunos foi utilizado o questionário “Parental Bonding Instrument (PBI)” (Parker et al., 2011). “O Parental Bonding Instrument (PBI) foi desenvolvido para medir a qualidade de apego ou vínculo entre pais e filhos. O vínculo parental compreende duas principais dimensões: cuidado e controle. A dimensão do cuidado envolve afeição, aconchego, empatia, sensibilidade, frieza emocional, indiferença e negligência. A dimensão do controle ou superproteção é definida, em um pólo, pelo controle, superproteção, intrusão, contato excessivo, infantilização e prevenção de comportamento independente. O outro pólo dessa dimensão é definido pela permissão da independência e autonomia.” (Lago et al., 2010). Este instrumento é constituído 25 afirmações relativas à relação com o pai e outras 25 afirmações sobre a relação com a mãe, em que o participante responde o quão parecido aquele comportamento é com o comportamento dos pais, atendendo a uma escala de Likert (Muito Parecido; Pouco Parecido; Pouco

Diferente; Muito Diferente). Das 25 afirmações algumas alíneas referem-se ao cuidado e outras ao controlo.

Este instrumento foi sujeito a uma tradução para português do Brasil, realizada por Hauck et al. (2006). Ainda assim, foi necessário proceder à adaptação do instrumento para o português de Portugal, visto que alguns termos não são utilizados em Portugal.

6.1.2.4. Metodologia de Análise

Para analisar o rendimento escolar dos alunos acedeu-se às médias das classificações de cada participante no final do 3º Período, através da recolha das grelhas classificações do 3º Período na secretaria da escola, antes da realização dos exames nacionais do 9º ano, devido à influência das diferentes condicionantes do *stress* associado à realização destas provas. Após, a recolha desta informação, os participantes foram organizados pelos níveis de classificações obtidas, conforme a escala definida para o 3º ciclo (Nível 1: 1-1,4; Nível 2: 1,5 - 2,4; Nível 3: 2,5 - 3,4; Nível 4: 3,5 – 4,4; Nível 5: 4,5 - 5). Daqui resultaram 3 grupos de alunos, distribuídos pelos níveis 2, 3 e 4, visto que nenhum conclui o ano com média de 1 ou de 5.

A análise do questionário, teve por base os quatro quadrantes do *Parental Bonding Instrument*: “affectionate constraint”, “affectionless control”, “optimal parenting” e “neglectful parenting” (quadro 1).

Quadrantes “<i>Parental Bonding Instrument</i>”	
Para além de gerar uma pontuação acerca do <i>care</i> e da <i>protection</i> , os pais podem ser agrupados em um dos quatro quadrantes	
“<i>Affectionate constraint</i>” = <i>high care and high protection</i>	“<i>Affectionless control</i>” = <i>high protection and low care</i>
“<i>Optimal Parenting</i>” = <i>high care and low protection</i>	“<i>Neglectful parenting</i>” = <i>low care and low protection</i>
É atribuído as categorias <i>low</i> ou <i>high</i> baseado nos seguintes resultados: Para as mães, o resultado do <i>care</i> de 27.0 e o resultado da <i>protection</i> de 13.5	

Para os pais, o resultado do <i>care</i> de 24.0 e o resultado da <i>protection</i> de 12.5

Quadro 1 – “*Parental Bonding Quadrants*” (Parker et al., 2011)

No final, foi efetuada a soma das respostas às diferentes afirmações resultando num valor (*score*), que permitiu conhecer em que quadrante se encontrava a relação parental do aluno com o pai e a relação parental com a mãe. Este calculo permitiu caracterizar a relação parental, tendo em conta o grupo de participantes. Posteriormente, considerando os quatro grupos de participantes, calculou-se a percentagem para cada grupo para, posteriormente, comparar os valores do rendimento escolar com os *scores* obtidos nos respetivos questionários.

De seguida, em cada nível (2, 3 e 4) foi analisado em que quadrante se encontravam os pais e as mães relativamente à sua relação parental com os participantes de cada um dos níveis.

6.1.3. Resultados

Os dados foram organizados atendendo aos objetivos definidos, por isso os resultados são apresentados seguidamente em duas partes.

1. Caracterização da relação parental dos alunos com o pai e com a mãe

Tendo em conta os dados do *Parental Bonding Instrument*, concretamente na relação com a mãe, como se pode verificar na tabela 1, 32 participantes (43%) situam esta relação no quadrante *Optimal Parenting (high care and low protection)*, 17 participantes (23%) no quadrante *Affectionate Constrain (high care and high protection)*, 17 participantes (23%) no quadrante *Affectionless Control (high protection and low care)* e 8 participantes (11%) representam o quadrante *Neglectful Parenting (low care and low protection)*.

Parental Bonding Instrument - Mãe

Quadrantes	Optimal Parenting	Affectionate Constrain	Affectionless Control	Neglectful Parenting
Participantes (Nº)	32	17	17	8
Porcentagem (%)	43%	23%	23%	11%

Tabela 1 - Resultados do *PBI* na relação com a Mãe

Os resultados do *Parental Bonding Instrument*, tendo em conta a relação com o pai (tabela 2), evidenciam que 38 participantes (51%) situam esta relação no quadrante *Optimal Parenting (high care and low protection)*, 11 participantes (15%) no quadrante *Affectionate Constrain (high care and high protection)*, 20 participantes (27%) no quadrante *Affectionless Control (high protection and low care)* e 5 participantes (7%) representam o quadrante *Neglectful Parenting (low care and low protection)*.

Parental Bonding Instrument - Pai

Quadrantes	Optimal Parenting	Affectionate Constrain	Affectionless Control	Neglectful Parenting
Participantes (Nº)	38	11	20	5
Porcentagem (%)	51%	15%	27%	7%

Tabela 2 - Resultados do *PBI* na relação com o Pai

2. Efeito da relação parental no rendimento escolar dos alunos

Quando comparados os dados do *PBI* com os níveis das médias dos alunos (tabela 3), verifica-se que dos participantes com Nível 2 (n=21), 6

participantes (28,5%) apresentam uma relação com a mãe no quadrante *Optimal Parenting*, 5 participantes (24%) no quadrante *Affectionate Constrain*, 6 participantes (28,5%) no quadrante *Affectionless Control* e 4 participantes (19%) apresentam uma relação com a mãe no quadrante *Neglectful Parenting*. Já na relação com o pai, 11 participantes (52%) apresentam uma relação no quadrante *Optimal Parenting*, 3 participantes (14%) no quadrante *Affectionate Constrain*, 7 participantes (34%) no quadrante *Affectionless Control* e 0 participantes (0%) apresentam uma relação com o pai no quadrante *Neglectful Parenting*.

Dos participantes com Nível 3 (n=44), 22 participantes (50%) apresentam uma relação com a mãe no quadrante *Optimal Parenting*, 8 participantes (18%) no quadrante *Affectionate Constrain*, 9 participantes (21%) no quadrante *Affectionless Control* e 5 participantes (11%) apresentam uma relação com a mãe no quadrante *Neglectful Parenting*. Já na relação com o pai, 23 participantes (52%) apresentam uma relação no quadrante *Optimal Parenting*, 6 participantes (14%) no quadrante *Affectionate Constrain*, 10 participantes (23%) no quadrante *Affectionless Control* e 5 participantes (11%) no quadrante *Neglectful Parenting*.

Classificação o das Médias	Parentesc o	Quadrante do <i>PBI</i>			
		Optimal Parenting	Affectionate Constrain	Affectionless Control	Neglectf ul Parentin g
Nível 2	Pai	11	3	7	0
		52%	14%	34%	0%
	Mãe	6	5	6	4
		28,5%	24%	28,5%	19%
Nível 3	Pai	23	6	10	5

		52%	14%	23%	11%
		22	8	9	5
	Mãe	50%	18%	21%	11%
Nível 4		4	3	3	0
	Pai	44%	33%	33%	0%
		3	4	2	0
	Mãe	33%	45%	22%	0%

Tabela 3 - Resultados do PBI conforme a classificação das médias

Relativamente aos participantes com Nível 4 (n=9), 3 participantes (33%) apresentam uma relação com a mãe no quadrante *Optimal Parenting*, 4 participantes (45%) no quadrante *Affectionate Constrain*, 2 participantes (22%) no quadrante *Affectionless Control* e 0 participantes (0%) uma relação no quadrante *Neglectful*. Quanto à relação com o pai, 4 participantes (44%) apresentam uma relação no quadrante *Optimal Parenting*, 3 participantes (33%) no quadrante *Affectionate Constrain*, 3 participantes (33%) no quadrante *Affectionless Control* e 0 participantes (0%) uma relação com o pai no quadrante *Neglectful Parenting*.

Ao analisar os dados, tendo em conta o grau de parentesco (pai ou mãe), como mostra a tabela 4, 32 mães (43%) e 38 pais (51%) situam-se no quadrante *Optimal Parenting*, 17 mães (23%) e 11 pais (15%) no quadrante *Affectionate Constrain*, 17 mães (23%) e 20 pais (27%) no quadrante *Affectionless Control*, e 8 mães (11%) e 5 pais (7%).

Parental Bonding Instrument

<i>Amostra (n=74)</i>		Mãe	(%)	Pai	(%)
Quadrantes	Optimal Parenting	32	43%	38	51%
	Affectionate Constrain	17	23%	11	15%
	Affectionless Control	17	23%	20	27%
	Neglectful Parenting	8	11%	5	7%

Tabela 4 - Comparação da Distribuição do *PBI* da Mãe e do Pai

Na tabela 5, é ainda possível observar os resultados obtidos nos três participantes com melhor média e nos três participantes com menor média das classificações. Relativamente aos participantes com melhor média de classificações verifica-se que os resultados da relação com a mãe recaem no quadrante *Affectionate Constrain* (*high care and high protection*) e os resultados da relação com o pai recaem no *Optimal Parenting* (*high care and low protection*). Os participantes com menor média de classificações situaram a relação com o pai no quadrante *Optimal Parenting* (*high care and low protection*) enquanto que a relação com a mãe não foi atribuída apenas a um quadrante.

Participante (Nº)	Classificações (\bar{x})	Mãe	Pai
Participante 59	4,8	<i>Affectionate Constrain</i>	<i>Optimal Parenting</i>
Participante 41	4,6	<i>Affectionate Constrain</i>	<i>Affectionate Constrain</i>

Participante 73	4,6	<i>Affectionate Constrait</i>	<i>Optimal Parenting</i>
Participante 27	2,3	<i>Optimal Parenting</i>	<i>Optimal Parenting</i>
Participante 14	2,4	<i>Neglectful Parenting</i>	<i>Optimal Parenting</i>
Participante 64	2,7	<i>Affectionless Control</i>	<i>Optimal Parenting</i>

Tabela 5 - Quadrante dos pais das 3 melhores classificações e das 3 piores classificações

6.1.4. Discussão dos Resultados

De acordo com os dados obtidos, relativamente à *Caraterização da relação parental dos alunos com o pai e com a mãe*, a maior parte dos participantes apresentam uma relação parental situada no quadrante do *Optimal Parenting*, sendo que as mães se apresentam com uma boa percentagem (43%) e os pais em maioria (51%).

Relativamente ao *Efeito da relação parental no rendimento escolar dos alunos* é possível verificar que no nível 2, a distribuição da relação parental com a mãe pelos quadrantes é muito dispersa, não havendo grande diferença entre os quadrantes apresentados enquanto que a distribuição da relação parental com o pai estão, em maioria no quadrante *Optimal Parenting* (52%). Portanto, a maioria dos alunos com média de classificações nível 2 possui uma relação parental com o pai no quadrante *Optimal Parenting*.

Os alunos com a média das classificações situadas no nível 3 possuem, maioritariamente, uma relação parental com os pais/mães no quadrante *Optimal Parenting*, em que 50% das mães e 52% dos pais estão agrupados neste quadrante.

Os alunos com a média das classificações situadas no nível 4 possuem uma grande parte da relação parental com as mães no quadrante *Affectionate Constrait* (45%) e uma grande parte da relação parental com os pais no quadrante *Optimal Parenting* (44%). Estes valores não são muito evidenciados, visto que existe poucos participantes neste nível de classificações e a diferença

de percentagem para os outros quadrantes é baixa. Observa-se apenas que neste nível de classificações não existe nenhuma relação parental com o pai/mãe no quadrante *Neglectful Parenting*.

Para perceber a influência da relação parental com o rendimento escolar procurei analisar a relação com o pai e a relação com a mãe dos três melhores e dos três piores participantes na média das classificações. O resultado que obtive foi que os melhores alunos possuem uma relação parental com a mãe situada no quadrante *Affectionate Constrain*. A relação parental com os pais/mães no quadrante *Optimal Parenting* não significa um melhor sucesso dos alunos, visto que tanto os três melhores e os três piores participantes em termos de média de classificações possuem um pai/mãe situado neste quadrante. Outro resultado que obtive é que os melhores participantes pertencentes ao nível 4 das classificações não possuem nenhuma relação parental com o pai/mãe no quadrante *Neglectful Parenting*, portanto o facto de os participantes possuírem uma relação parental com o pai/mãe neste quadrante inibe os participantes de obterem a sua média de classificações no nível 4.

6.1.5. Conclusão

A relação parental é um fator condicionante do rendimento escolar, visto que a relação com os pais posicionados nos piores quadrantes está ligada aos alunos com uma média de classificações mais baixa.

A maioria das relações parentais com os pais situam-se no quadrante do “*Optimal Parenting*” que diz respeito a pais cuidadosos e pouco protetores, o que nos diz que não é um fator preponderante no rendimento escolar visto os participantes com médias altas e baixas de classificações possuírem uma relação parental com o pai/mãe neste quadrante.

Foi possível perceber que os participantes que possuíam uma relação parental com o pai/mãe no quadrante “*Affectionate Constrain*” foi um fator importante para os alunos terem uma média de classificações superior, visto que os alunos com melhor média de classificações possuíam pelo menos uma relação parental com o pai/mãe posicionado nesse quadrante.

A relação parental pode não ser o único fator condicionante, mas é um dos principais fatores que condicionam o rendimento escolar, visto que a família e a relação entre os pais e filhos serem um aspeto importante para atingirem bons resultados na Escola e o rendimento escolar. Apesar de não ser único, esta relação parental deve ser motivo de preocupação, por parte dos pais, para que seja um fator com impacto positivo no rendimento escolar dos seus filhos.

7. Conclusão e Perspetivas de Futuro

7. Conclusão e Perspetivas de Futuro

Considero este tópico como “o princípio do fim”, pois é o fim do meu EP e do término do Relatório de Estágio, mas marca o princípio de um longo percurso profissional na função docente. Tenho alguma sorte em ter alcançado já este início, apesar de ser numa área diferente (Ensino da Música), mas vejo isto como um meio para atingir o que realmente pretendo, ser professor de Educação Física.

Neste primeiro ano como professor aprendi muitas coisas, que pretendo guardar para a vida e para a minha profissão, pois foram estas experiências, sejam boas ou más, que nos fazem evoluir e melhorar a nossa prestação na função docente.

Ao longo do EP melhorei as minhas capacidades e competências enquanto professor e como pessoa, gestão do tempo, controlo dos alunos, instrução, avaliação, assertividade, responsabilidade, compreensão, entre outros.

Aprendi que os alunos diferem completamente uns dos outros, devido a diferentes circunstâncias: a escola em que têm aulas, o espaço, as modalidades abordadas, o escalão etário. Aprendi a trabalhar com alunos NEE e os cuidados a ter com estes alunos e formas de procurar integrar estes alunos com os restantes.

Na minha prática profissional, fiz coisas boas e más, que fazem parte do meu percurso e que fazem parte da minha evolução. Procurei melhorar ambos, através do meu esforço e a procura de alternativas para que tivesse momentos bons e muito bons. Nem sempre foi possível, mas a experiência vai ajudar-me a ultrapassar algumas dificuldades que possa ter sentido, de forma a melhorar o meu desempenho e a minha prestação de dia para dia.

A participação com a comunidade fez com que crescesse enquanto pessoa e como professor, o contacto com os funcionários, pais, outros professores fizeram com que aprendesse muitas coisas sobre os mais variados assuntos e, fez com que eu e os meus colegas de Núcleo de Estágio sentissem que a escola fosse a nossa segunda casa.

Neste ano letivo, desde que estou ligado à Educação Física e ao Desporto, foi sem dúvida o ano em que mais aprendi e que mais vivi enquanto futuro professor. Foi um ano fantástico, de muita aprendizagem e muito desenvolvimento pessoal e profissional.

Futuramente, pretendo ser professor de Educação Física e irei trabalhar para conseguir concretizar esse meu sonho. Para já, devido à lotação do mercado de trabalho nessa área, irei trabalhar na docência como professor de Música até conseguir atingir o meu objetivo, ser professor de Educação Física.

8. Bibliografia

8. Bibliografia

- Barradas, M. T. C. (2012). Envolvimento parental e sucesso escolar: estudo de caso. *Faculdade de Ciências Humanas*.
- Bastos, F., Machado Reis, V., Aranha, Á. C., & Domingos Garrido, N. (2015). Relação entre atividade física e desportiva, níveis de IMC, percepções de sucesso e rendimento escolar. / Relation between sport and physical activity, BMI levels, perceptions of success and academic performance. *Motricidade*, 11(3), 41-58.
- Batista, P., Queirós, P., & Graça, A. (2014). O Estágio Profissional na (re)construção da identidade profissional em Educação Física. *FADEUP*, 68.
- Bento, J. (2003). *Planeamento e Avaliação em Educação Física*. Lisboa: Livros Horizonte.
- Bercht, M. (2001). Em direção a Agentes Pedagógicos com dimensões afetivas. *Universidade Federal do Rio Grande do Sul*.
- Chalita, G. (2015). *Semeadores da Esperança: uma reflexão sobre a importância do professor*. São Paulo.
- Chechia, V., & Andrade, A. (2005). O desempenho escolar dos filhos na percepção de pais de alunos com sucesso e insucesso escolar. *Estudos de Psicologia*, 10, 431 - 440.
- Educação, M. d. (2001). *Programa Nacional de Educação Física: Ensino Básico 3º Ciclo*. Dissertação de apresentada a
- Fernández, S. R., García, A. G., & Núñez, C. S. (2011). *El éxito escolar: Como pueden contribuir las familias del alumnado?* Producciones Grafimatic S.L. Relatório de Estágio apresentado a.
- Formosinho, J. (1991). A Igualdade em Educação. In *A Construção Social da Educação Escolar* (pp. 169-186): Edições ASA.
- Graça, A. (2001). Breve roteiro da investigação empírica na Pedagogia do Desporto: a investigação sobre o ensino da educação física. *Revista Portuguesa de Ciências do Desporto*, 1(1), 104 - 113.

- Hauck, S., Schestatsky, S., Terra, L., Knijnik, L., Sanchez, P., & Ceitlin, L. (2006). Adaptação transcultural para o português brasileiro do Parental Bonding Instrument (PBI). *Rev Psiquiatr RS*, 28(2), 162-168.
- Lago, V., Amaral, C., Rosa, C., & Bandeira, D. (2010). Instrumentos que avaliam a relação entre os pais e filhos. *Rev. Bras Crescimento Desenvolvimento Hum.*, 20(2), 330-341.
- Nascimento, A. (2007). Convivência em Sala de Aula: proposta de textos e atividades para professores. *Programa de Desenvolvimento Educacional*
- Nogueira, C., & Fortes, M. (2004). A importância dos estudos sobre trajetórias escolares na Sociologia da Educação contemporânea. *Paide'ia*, 57 - 74.
- Parker, G., Tupling, H., & Brown, B. B. (1979). A parental bonding instrument. *British Journal Medicine Psychology*, 52, 1-10.
- Parker, G., Tupling, H., & Brown, B. B. (2011). Parental Bonding Instrument (PBI). *Black Dog Institute*.
- Queirós, P. (2014). Da formação à profissão: O lugar do estágio profissional. In *O estágio profissional na (re)construção da identidade profissional em educação física* (pp. 67-83). Porto: FADEUP.
- Reginatto, R. (2013). A importância da afetividade no desenvolvimento e aprendizagem. *Revista de Educação do IDEAU*, 8.
- Roldão, M. (1995). *O director de turma e a gestão curricular*. Lisboa: Instituto de Inovação Educacional. Relatório de Estágio apresentado a.
- Sarmiento, N. (2010). Afetividade e Aprendizagem. *Universidade Federal do Rio Grande do Sul*.
- Siedentop, D. (1991). *Developing Teaching Skills in Physical Education*: Mayfield Publishing Company.
- Sunaryadi, Y. (2016). *The Role of Augmented Feedback on Motor Skill Learning* Atlantis Press. Relatório de Estágio apresentado a.
- Trombeta, L. (1997). Características do bom professor segundo a percepção de estudantes de Psicologia. *Pontifícia Universidade Católica de Campinas*, 14, 71 - 74.

Vickers, J. (1990). Instructional Design for Teaching Physical Activities. *Human kinetics books*.

Wang, M. C., Heartel, G. D., & Walberg, H. (1994). What helps students learn? *Educational Leadership*, 51(4).

9. Anexos

Anexo 1 - Questionário “Parental Bonding Instrument”

O presente questionário destina-se a recolher dados para um estudo realizado no âmbito do 2º Ciclo em Ensino da Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário, da Faculdade de Desporto da Universidade do Porto. O objetivo da pesquisa é perceber se a relação afetiva com os pais tem influência no sucesso escolar dos alunos. O questionário é **confidencial** e de resposta **voluntária**. **Não existem respostas corretas ou erradas** e face à importância das tuas respostas, agradecemos a tua sinceridade.

Após a leitura atenta de cada uma das afirmações abaixo, deves assinalar com uma **cruz (X)** apenas umas das classificações que mais se adequa a ti, tendo em conta as seguintes opções - Muito Parecido; Pouco Parecido; Pouco Diferente; Muito Diferente).

Nome: _____ N.º: _____
Turma: _____

Habitualmente a minha mãe:

Muito Pouco Pouco Muito
parecido parecido diferente diferente

1. Fala comigo com uma voz meiga e amigável				
2. Não me ajuda tanto quanto eu necessito				
3. Deixa-me fazer as coisas que eu gosto de fazer				
4. Parece emocionalmente fria comigo				
5. Parece compreender os meus problemas e preocupações				
6. É carinhosa comigo				
7. Gosta que eu tome as minhas próprias decisões				
8. Não quer que eu cresça				
9. Tenta controlar tudo o que eu faço				
10. Invade a minha privacidade				
11. Gosta de conversar sobre os assuntos comigo				
12. Sorri para mim frequentemente				
13. Tende a tratar-me como um bebé				
14. Parece não entender o que eu necessito ou quero				
15. Deixa que eu decida coisas por mim mesmo				
16. Faz com que eu sinta que não sou querido.				
17. Pode fazer-me sentir melhor quando eu estou chateado				
18. Não conversa muito comigo				
19. Tenta fazer-me dependente dela				
20. Ela sente que eu não posso cuidar de mim mesmo, a menos que ela esteja por perto				
21. Dá-me a liberdade que eu quero				
22. Deixa-me frequentemente sair quando eu quero				
23. É superprotetora comigo				

24. Não me elogia				
25. Deixa-me vestir da maneira que eu quero				

Habitualmente o meu Pai:

Muito
parecido

Pouco
parecido

Pouco
diferente

Muito
diferente

1. Fala comigo com uma voz meiga e amigável				
2. Não me ajuda tanto quanto eu necessito				
3. Deixa-me fazer as coisas que eu gosto de fazer				
4. Parece emocionalmente frio comigo				
5. Parece compreender os meus problemas e preocupações				
6. É carinhoso comigo				
7. Gosta que eu tome as minhas próprias decisões				
8. Não quer que eu cresça				
9. Tenta controlar tudo o que eu faço				
10. Invade a minha privacidade				
11. Gosta de conversar sobre os assuntos comigo				
12. Sorri para mim frequentemente				
13. Tende a tratar-me como um bebé				
14. Parece não entender o que eu necessito ou quero				
15. Deixa que eu decida coisas por mim mesmo				
16. Faz com que eu sinta que não sou querido.				
17. Pode fazer-me sentir melhor quando eu estou chateado				
18. Não conversa muito comigo				
19. Tenta fazer-me dependente dele				
20. Ele sente que eu não posso cuidar de mim mesmo, a menos que ele esteja por perto				
21. Dá-me a liberdade que eu quero				
22. Deixa-me frequentemente sair quando eu quero				
23. É superprotetor comigo				
24. Não me elogia				
25. Deixa-me vestir da maneira que eu quero				

Obrigado pela tua participação!

